

Inácio José Bessa Pires
Airton Saboya Valente Júnior
Jânia Maria Pinho Sousa
(Coordenadores)

***AVALIAÇÃO DE IMPACTOS DO FUNDO
CONSTITUCIONAL DE FINANCIAMENTO DO
NORDESTE (FNE)***

GERAÇÃO DE EMPREGOS
PERÍODO: 2000-2004

**Banco do
Nordeste**



O nosso negócio é o desenvolvimento

Presidente:

Roberto Smith

Diretores:

João Emílio Gazzana
Luiz Carlos Everton de Farias
Luiz Henrique Mascarenhas Corrêa Silva
Oswaldo Serrano de Oliveira
Paulo Sérgio Rebouças Ferraro
Pedro Rafael Lapa

Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE

Superintendente: José Sydrião de Alencar Júnior.

Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação

Gerente: Biágio de Oliveira Mendes Júnior

Célula de Avaliação de Políticas e Programas (CAPP)

Gerente: Jânia Maria Pinho Sousa

Equipe Técnica do ETENE:

Jane Mary Gondim de Souza
Osias Pereira da Silva
Paulo Dídimo Camurça Vieira

Consultor Externo:

Leôncio José Bastos Macambira Júnior

Editor: Ademir Costa

Revisão Vernacular: Hermano José Pinho (Bibliotecário)

Normalização Bibliográfica: Paula Pinheiro da Nóbrega

Diagramação: Deborha Rodrigues

Mais informações:

Internet: <http://www.bnb.gov.br>

Cliente Consulta: 0800.7283030

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal junto à Biblioteca Nacional conforme a Lei 10.994 de 14/12/2004

A945a Avaliação de impactos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE): geração de empregos: período 2000-2004 / Inácio José Bessa Pires, Ayrton Saboya Valente Júnior, Jânia Maria Pinho Sousa, coordenadores. - Fortaleza : Banco do Nordeste do Brasil, 2009. (Série Avaliação de Políticas e Programas do BNB n. 1)
78 p.
ISBN 978.85.7791.059-5

1. Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste. 2. Financiamento. 3. Emprego. I. Pires, Inácio José Bessa. II. Valente Júnior, Ayrton Saboya. III. Souza, Jânia Maria Pinho. IV. Título. V. Série.

CDD: 331.1

Conselho Editorial

José Sydrião de Alencar Júnior
Nívia de Oliveira Galindo Almeida
Francisco das Chagas Farias Paiva
José Maurício de Lima da Silva
Ozeas Duarte de Oliveira
Jânia Maria Pinho Sousa
José Maria Marques de Carvalho
Airton Saboya Valente Júnior
Biágio de Oliveira Mendes Júnior
Paulo Dídimo Camurça Vieira
Ademir Costa



APRESENTAÇÃO

O Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) é um instrumento de política pública federal operado pelo Banco do Nordeste, que objetiva contribuir para o desenvolvimento econômico e social do Nordeste, através da execução de programas de financiamento aos setores produtivos, em consonância com o plano regional de desenvolvimento, possibilitando, assim, a redução da pobreza e das desigualdades.

Provido de recursos federais, o FNE financia investimentos de longo prazo e, complementarmente, capital de giro ou custeio. Além dos setores agropecuário, mineral, industrial e agroindustrial, também são contemplados com financiamentos o turismo, comércio, serviços, cultura e a infraestrutura econômica da Região. Os recursos do Fundo representam ingressos permanentes para o Nordeste contribuindo para a oferta de recursos de médio e longo prazos para o desenvolvimento regional, em especial, do semiárido nordestino. Podem ser beneficiários do FNE produtores, empresas, associações e cooperativas de produção.

Atualmente, o FNE atende aos municípios situados nos nove estados que compõem a região Nordeste e no norte dos estados do Espírito Santo e Minas Gerais, incluindo os Vales do Jequitinhonha e do Mucuri.

O Fundo é operacionalizado respeitando as diretrizes legais de destinação de pelo menos metade dos recursos para o semiárido, ação integrada com as instituições federais sediadas na região, tratamento preferencial aos mini e pequenos empreendedores, preservação do meio ambiente, conjugação do crédito com a assistência técnica, democratização do acesso ao crédito e apoio às atividades inovadoras.

Considerando a importância do FNE, o Banco do Nordeste, através do seu Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste-ETENE, elaborou uma metodologia de avaliação de resultados e impactos dessa fonte de recursos. Referida metodologia estabelece a realização de um conjunto de estudos e pesquisas inter-relacionados, de forma que se possam auferir os resultados e impactos desse Fundo Constitucional e assim responder às demandas dos acionistas da Instituição, de órgãos fiscalizadores da administração pública brasileira, além da própria sociedade, para que o BNB inclua indicadores, processos e sistemas avaliativos no gerenciamento do FNE.

O trabalho, elaborado pela Coordenação de Avaliação de Políticas e Programas do BNB-Etene, contando com o suporte de consultoria externa, tem como foco o cálculo e determinação do número de empregos formais gerados pelos empreendimentos financiados pelo FNE, bem como a identificação das atividades econômicas em que os postos de trabalho foram criados, constituindo-se em importantes instrumentos de avaliação dessa fonte de financiamento.

O presente estudo representa o volume inicial de uma série de trabalhos sobre a avaliação dos impactos dos programas operacionalizados pelo BNB, no qual apresen-

ta um panorama do estoque de emprego no Brasil, Regiões e estados do Nordeste, além de avaliar o impacto dos investimentos do FNE na geração de empregos formais, ao longo do período de 2000 a 2004.

Dessa forma, é com satisfação que o BNB disponibiliza mais um trabalho desenvolvido pelo ETENE, contribuindo assim, não somente para mensurar os resultados e impactos do FNE, bem como para disseminar técnicas de avaliação de programas de crédito.

José Sydrião de Alencar Junior

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	06
LISTA DE QUADROS	08
INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS	14
1.1-Impactos dos Investimentos na Geração de Emprego	14
CAPÍTULO 2: MERCADO DE TRABALHO 2000 a 2004	16
2.1-Estoque de Emprego no Brasil e Regiões do País	16
2.2-Estoque de Emprego nos Estados da Região Nordeste	16
2.3-Estoque de Emprego no Estado do Nordeste, segundo os Setores de Atividade Econômica	17
2.4-Estoque de Emprego, por Setor de Atividade Econômica e Sexo	18
2.5-Rendimentos do Emprego	18
2.6-Rendimentos do Emprego, segundo os Estados do Nordeste	23
2.7-Rendimentos do Emprego, de Acordo com o Gênero	24
2.8-Variação do Nível de Emprego no Brasil e Regiões do País	27
2.9-Variação do Nível de Emprego nos Estados da Região Nordeste	28
2.10-Variação do Nível de Emprego na Região Nordeste, por Setor de Atividade Econômica	29
2.11-Saldo do Emprego Formal, no Âmbito dos Estados e das Atividades Econômicas	30
2.12-Admissões nos Estados do Nordeste, segundo as Faixas de Salário ..	33
2.13-Admissões, Segundo as Faixas de Salário e Idade	35
2.14-Admissões, Segundo as Faixas de Salário, por Gênero	38
CAPÍTULO 3: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO BNB NO NÍVEL DE EMPREGO 2000-2004	41
3.1-Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total das Empresas	41
3.2-Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego	47
CAPÍTULO 4: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO FNE NO NÍVEL DE EMPREGO 2000-2004	60

4.1-Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total de Empresas	60
4.2-Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Empregos Formais ao Final do Exercício – Regiões e Brasil – 2000-2004	17
Tabela 2 – Empregos Formais ao Final do Exercício – Estados do Nordeste – 2000-2004	17
Tabela 3 – Empregos Formais ao Final do Exercício por Setor de Atividade Econômica – Estados do Nordeste – 2000-2004	19
Tabela 4 – Empregos Formais segundo o Gênero, por Setor de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2004	21
Tabela 5 – Rendimentos do Emprego Formal por Faixas de Salário-Mínimo – Região Nordeste – 2000-2004	22
Tabela 6 – Medidas de Posição dos Rendimentos do Emprego em Salários Mínimos – Região Nordeste – 2000-2004	23
Tabela 7 – Representação Relativa dos Rendimentos do Emprego e Medidas de Posição – Estados do Nordeste – 2000-2004	25
Tabela 8 – Rendimentos do Emprego de acordo com o Gênero – Região Nordeste – 2000-2004	26
Tabela 9 – Medidas de Posição dos Rendimentos do Emprego (em salários mínimos), segundo o Gênero – Região Nordeste – 2000-2004	26
Tabela 10 – Saldo do Emprego Formal (1) – Regiões do Brasil – 2000-2004	27
Tabela 11 – Índice de Base Fixa (ano de 2000) do Saldo do Emprego – Regiões e Brasil – 2000-2004	28
Tabela 12 – Saldo dos Empregos Formais, por Estado – 2000-2004	29
Tabela 13 – Saldo do Emprego Formal, segundo o Setor de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2004	30
Tabela 14 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Atividades Econômicas – Estados do Nordeste – 2000-2004	31
Tabela 15 – Admissões e as Medidas de Posição Referentes ao Salário de Contratação (Em Salário mínimo) – Estados do Nordeste – 2000-2004 ...	34
Tabela 16 – Admissões segundo as Faixas de Salário – Região Nordeste – 2000-2004	36
Tabela 17 – Salário de Admissão, segundo a Faixa Etária – 2000-2004	37

Tabela 18 – Medidas de Posição dos Salários de Admissão, em Quantidade de Salários Mínimos – Região Nordeste – 2000-2004	37
Tabela 19 – Admissões segundo as Faixas de Salário, por Gênero – Região Nordeste – 2000-2004	39
Tabela 20 – Medidas de Posição dos Salários de Admissão (em Quantidade de Salários Mínimos), segundo o Gênero – Região Nordeste – 2000-2004	40
Tabela 21 – Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB e Empresas Não Financiadas – Estados do Nordeste – 2000-2004	42
Tabela 22 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, Empresas não Financiadas e Total das Empresas – 2000-2004	44
Tabela 23 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, Empresas Não Financiadas e Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2004	45
Tabela 24 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, Empresas não Financiadas e Total das Empresas – Região Nordeste – 2000-2004	47
Tabela 25 – Estoque de Emprego nas Empresas Financiadas pelo BNB – Estados do Nordeste – 2000-2004	48
Tabela 26 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego 2000-2004	48
Tabela 27 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego – Estados do Nordeste – 2000-2004	50
Tabela 28 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa dos Desembolsos – 2000-2004	51
Tabela 29 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego – Empresas que Receberam Financiamento do BNB – Estados do Nordeste – 2000-2004	52
Tabela 30 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa do Aporte de Desembolsos – Região Nordeste – 2000-2004	53
Tabela 31 – Estoque de Emprego por Subsetor de Atividade Econômica – 2000-2004	54
Tabela 32 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego Setores de Atividade Econômica – 2000-2004	55

Tabela 33 – Composição do Desembolso – Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2004	55
Tabela 34 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego por Setores de Atividade Econômica – Empresas Financiadas pelo BNB – 2000-2004	56
Tabela 35 – Composição do Desembolso – Subsetores de Atividade Econômica – 2000-2004	57
Tabela 36 – Estoque de Emprego – Empresas Financiadas pelo FNE e Empresas não Financiadas pelo FNE – 2000-2004	61
Tabela 37 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego – Empresas Financiadas pelo FNE, Empresas Não Financiadas e Total de Empresas – 2000-2004	63
Tabela 38 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego – Empresas Financiadas pelo FNE, Empresas Não Financiadas e Total de Empresas – 2000-2004	63
Tabela 39 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque – Empresas Financiadas pelo FNE, Empresas não Financiadas e Total de Empresas – 2000-2004	65
Tabela 40 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque Emprego – 2000-2004	66
Tabela 41 – Empresas Financiadas pelo FNE e Valores Desembolsados para a Região Nordeste – 2000-2004	67
Tabela 42 – Empresas Financiadas pelo FNE e Participação Relativa do Aporte de Desembolsos – 2000-2004	68
Tabela 43 – Estoque de Emprego, por setor de Atividade Econômica – Empresas do Nordeste e Empresas Financiadas pelo FNET – 2000-2004	69
Tabela 44 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego – 2000-2004	70
Tabela 45 – Composição do Desembolso do FNE, segundo os Setores de Atividade Econômica – 2000-2004	70
Tabela 46 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego Setor de Atividade – 2000-2004	71
Tabela 47 – Composição do Desembolso, segundo os Setores de Atividade Econômica e os Estados do Nordeste – 2000-2004	72

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Posições de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e o da Variação do Desembolso	59
Quadro 2 – Primeira e Segunda Posição de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e da Composição do Desembolso, segundo os Setores de Atividade Econômica - Estados da Região Nordeste 2000-2004	73

INTRODUÇÃO

Trata-se neste estudo da avaliação do impacto dos investimentos do Banco do Nordeste do Brasil (BNB) e do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE) na geração de empregos formais em toda a região Nordeste, numa análise em nível estadual.

No primeiro capítulo, descrevem-se os procedimentos metodológicos, no que se refere ao tratamento estatístico aplicado aos indicadores relativos ao crescimento do emprego, no período de 2000 a 2004, utilizando, especificamente como fonte de informações, em níveis de Brasil, regiões e estados do Nordeste a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), ambos do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

No tocante aos investimentos, a formação da base empírica deu-se a partir da identificação de todas as empresas da região Nordeste que, ao longo do período mencionado, solicitaram investimentos ao BNB, especificamente no âmbito do FNE, mas que receberam no mínimo uma parcela de desembolso.

No segundo capítulo, procede-se a uma análise detalhada do crescimento do estoque de emprego no Brasil, nas suas regiões, em nível dos estados do Nordeste, como também por setor de atividade econômica. Neste contexto, registra-se um crescimento de 5.178.947 novos empregos formais com carteira assinada em todo o país, dos quais 1.019.880 postos de trabalho são da região Nordeste. Ainda sobre o segundo capítulo, tratam-se as informações referentes aos rendimentos do trabalho e do salário de admissão, tanto de uma forma geral como de acordo com as variáveis gênero e faixa etária. Na verdade, os números não apontam para um cenário favorável, posto que, no período de 2000 a 2004, identifica-se uma evolução de 8,41% para 10,67% (26,87%) do número de trabalhadores com renda de 0,5 a 1,0 salário mínimo; crescimento de 29,44% da participação na faixa de 0,0 a 1,5 salário mínimo, ou seja, eleva-se de 37,47% para 48,50% e mais o recuo de 2,21% para 1,29% (- 41,63%) dos que ganham mais de 20 salários mínimos. A princípio, atribui-se esse fenômeno ao crescimento dos empregos mal remunerados e que apesar de o setor produtivo ter contribuído sobremaneira para a geração de novos postos formais de trabalho, não mantém o perfil antigo de remuneração, diante do excessivo descompasso entre a oferta e a demanda de mão-de-obra.

A avaliação do impacto dos investimentos é analisada nos capítulos 3 e 4. No primeiro mencionado, trabalham-se as estatísticas das empresas que receberam financiamento do BNB, em comparação àquelas das empresas que não participam dos programas de investimentos do Banco, ao longo do período de 2000 a 2004. A partir dessa equivalência, atestam-se, dentre outros resultados, que o crescimento do estoque de emprego das empresas não financiadas é de 22,68%, enquanto que, no evento formado pelas financiadas, a elevação do número de pessoas empregadas alcança 35,15%; isto é, superior em 54,98%.

Avalia-se no último capítulo deste trabalho o impacto dos investimentos do FNE na geração de empregos formais, também ao longo do período de 2000 a 2004. Neste contexto, constata-se a elevação do estoque de emprego, tanto no conjunto das empresas financiadas como no das que não receberam recursos do FNE, porém no primeiro conjunto citado sobressaem-se as estatísticas com um crescimento do estoque de mão-de-obra da ordem de 96,45% contra 20,03% do crescimento do número de pessoas empregadas no conjunto das empresas não financiadas.

CAPÍTULO 1: ASPECTOS METODOLÓGICOS

Antes de descrever os procedimentos metodológicos no tocante à medição do impacto dos investimentos, na geração de empregos, é importante destacar que, inicialmente, no capítulo 2 deste documento, procede-se à análise detalhada da evolução do nível de emprego, no período de 2000 a 2004, tendo como referência a Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) e o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), que são bases de dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE). Nesse contexto, trabalham-se as seguintes variáveis: estoque de emprego no Brasil, regiões e estados do Nordeste; pessoas empregadas, segundo os setores de atividade econômica (extrativa mineral, indústria de transformação, serviços industriais de utilidade pública, construção civil, comércio, serviços, administração pública e agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca), rendimentos do trabalho, tratados pelas medidas de posição, rendimentos do trabalho, de acordo com o gênero; saldo de emprego¹, por região, setores de atividade econômica e estados do Nordeste e, mais, admissões de acordo com as faixas de salário, nos segmentos dos jovens e adultos, por gênero.

1.1 – Impactos dos Investimentos na Geração de Emprego²

Especificamente no terceiro e quarto capítulos deste documento, trata-se a medição do impacto dos investimentos aplicados, respectivamente, pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), e pelo Fundo Constitucional de Financiamento (FNE).

1 O saldo de emprego corresponde à diferença entre o número de pessoas admitidas e desligadas com carteira assinada.

2 Para a medição do impacto dos investimentos sobre a geração de emprego, trabalham-se duas variáveis; quais sejam, o estoque de emprego formal e o aporte dos desembolsos efetivos, no agregado das pessoas físicas e jurídicas. Apesar de a RAIS não tratar especificamente de pessoas físicas, na avaliação do crescimento do nível de emprego, compilam-se apenas as informações das empresas e, na análise da tendência do crescimento dos desembolsos, incluem-se os valores destinados às pessoas físicas. Esse procedimento, para medir a relação entre o crescimento do emprego e o aporte de investimentos, em hipótese, não deve interferir nos resultados, posto que as pessoas que demandam investimentos o fazem para abrir um pequeno negócio, ou ampliar um já existente, e que, mesmo não empregando trabalhadores com carteira assinada, ou com algum vínculo empregatício, o pequeno empreendimento, muito provavelmente, sofre influências, quando da evolução do emprego formal, no âmbito do mercado de trabalho.

Nos capítulos 3 e 4 a composição da base empírica deu-se a partir da relação das empresas que receberam financiamento no âmbito do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), no período de 2000 a 2004. Neste contexto, para formação dos estoques de mão-de-obra das empresas financiadas, toma-se como referência aquelas que, ao longo do período de 2000 a 2004 receberam, no mínimo, uma parcela de desembolso, independente do ano para o qual tenha se dado o desembolso. Caso o desembolso efetuado a determinada empresa tenha ocorrido em anos subsequentes ao ano 2000, consideram-se também os estoques de empregos em todos os anos anteriores ao desembolso. Procedendo-se dessa forma, fica definido um conjunto de tamanho único de empresas beneficiadas, para uma avaliação no que se refere ao impacto dos investimentos na geração de emprego, ao longo do período de 2000 a 2004. Se a formação desse conjunto se desse com a inclusão de empresas, somente no ano de recebimento do primeiro desembolso, no referido período, ter-se-ia um estoque de mão-de-obra que, aparentemente e de forma inconsistente, apontaria para um crescimento do nível de emprego, independentemente deste crescimento ter se dado como resultado dos investimentos aplicados.

Na intenção de mencionar o nível do impacto do investimento sobre a geração de empregos, define-se o indicador “variação relativa do nível de emprego”, levando-se em consideração a variação acumulada do estoque das empresas financiadas e a do conjunto das empresas não financiadas, podendo ter recebido financiamento de outras instituições financeiras. Ademais, na identificação se de fato o investimento impacta sobre a geração de emprego, procede-se uma relação entre o índice acumulado do estoque de emprego, de acordo com os subsetores de atividade econômica e os Estados do Nordeste, com a composição do desembolso conformada em função das mesmas variáveis.

Para se trabalhar o impacto do financiamento na elevação do nível de emprego definem-se dois eventos mutuamente exclusivos, ou seja, aquele formado pelas empresas que receberam algum financiamento com recursos do FNE, no período de 2000 a 2004, e aquele das não financiadas pelo Fundo. Utiliza-se para medir o impacto dos investimentos aplicados a “variação relativa do estoque de emprego³”, aplicada nos dois eventos mencionados, que, na verdade, constitui-se em uma proxy, na medida em que não se excluem os efeitos, por exemplo, da conjuntura econômica sobre o mercado de trabalho, ou de investimentos promovidos por outras instituições financeiras, na região Nordeste, que tenham influenciado, de alguma forma, na elevação do nível de emprego. Mesmo sob essas condições, assegura-se uma precisão razoável do indicador em questão, se considerar que, do total do aporte de investimento na referida região, no período em análise, prevalecem os recursos do BNB, com participação de, aproximadamente, 70,00%.

3 Essa medida é determinada a partir do quociente entre a variação acumulada do estoque das empresas financiadas e o das não financiadas.

Por último, apresenta-se no final dos capítulos 3 e 4 um quadro síntese, que demonstra a forte equivalência entre o crescimento do nível de emprego e o dos valores dos desembolsos, repassados para as empresas ao longo do período de 2000 a 2004, confirmando-se com isso a hipótese de o aumento do estoque de emprego estar diretamente correlacionado com o aporte de investimentos aplicados.

CAPÍTULO 2: MERCADO DE TRABALHO 2000-2004

2.1 – Estoque de Emprego no Brasil e Regiões do País

No período de 2000 a 2004, foram gerados, em todo o país, 5.178.947 postos de trabalho. Em termos de estoque de mão-de-obra, existem 26.228.629 vínculos, no ano de 2000. Já no ano de 2004, este valor ascende para 31.407.576, equivalendo a um índice de crescimento acumulado da ordem de 119,75, ou seja, crescimento da ordem de 19,75%. Tomando-se como referência a evolução, ano a ano, em nível nacional, verifica-se que o maior estoque de emprego deu-se em 2004, onde, comparativamente ao resultado do ano de 2003, o crescimento foi de 6,30%. Em termos absolutos, conclui-se, a partir da diferença entre o total de empregos existentes em 2004 e o do ano de 2000, que as regiões Sudeste, Nordeste e Sul são as que possuem os maiores estoques, registrando-se, respectivamente, acréscimos de 2.216.897, 1.019.880 e 1.007.196 novos empregos. Estes resultados indicam que os números estão em consonância com a ordem de tamanho da força de trabalho do país, por região, na medida em que a primeira e a segunda maior População Economicamente Ativa (PEA), encontram-se, respectivamente, no Sudeste e no Nordeste, sendo essas regiões as de maior crescimento do emprego (Tabela 1).

2.2 – Estoque de Emprego nos Estados da Região Nordeste

Tomando como referência o crescimento absoluto do número de empregos, em cada Estado nos anos de 2000 a 2004, observa-se na Tabela 2 o destaque para a Bahia (280.972 empregos), o Ceará (169.342 empregos) e Pernambuco, com a geração de 139.577 novos empregos.

Verificando em cada estado o crescimento relativo, ano a ano, dos estoques de mão-de-obra, destacam-se, em 2001, o Maranhão (8,32%) e o Rio Grande do Norte (6,87%); em 2002, Piauí (10,13%) e Sergipe (9,53%); no ano de 2003, os estados do Rio Grande do Norte (21,64%) e Maranhão (5,71%) e, em 2004, Alagoas (9,76%) e Rio Grande do Norte (8,53%). Estes resultados apontam para o fato de o Estado do Rio Grande do Norte ser o destaque entre os demais do Nordeste, posto que, se evidencia em três (2001, 2003 e 2004) dos quatro momentos de comparação da evolução do estoque.

Tabela 1 – Empregos Formais ao Final do Exercício – Regiões e Brasil – 2000-2004

Região	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Norte	1.094.365	1.161.780	1.296.597	1.379.761	1.529.195
Nordeste	4.374.850	4.555.019	4.859.397	5.095.390	5.394.730
Sudeste	14.042.822	14.437.616	15.128.474	15.396.672	16.259.719
Sul	4.625.153	4.859.793	5.075.659	5.256.600	5.632.349
Centro-Oeste	2.091.439	2.175.406	2.323.786	2.416.504	2.591.583
Brasil	26.228.629	27.189.614	28.683.913	29.544.927	31.407.576

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)/RAIS.

Tabela 2 – Empregos Formais ao Final do Exercício – Estados do Nordeste – 2000-2004

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Maranhão	284.793	308.479	329.935	348.761	370.370
Piauí	205.729	215.157	236.945	247.106	263.183
Ceará	691.093	724.954	793.312	825.062	860.435
R.G. Norte	315.488	337.160	318.971	388.007	421.109
Paraíba	339.135	359.135	375.537	383.867	296.150
Pernambuco	883.032	895.415	943.895	962.176	1.022.609
Alagoas	272.183	286.673	311.780	315.691	346.503
Sergipe	206.054	218.479	239.305	245.111	256.056
Bahia	1.177.343	1.209.567	1.309.717	1.379.609	1.458.315

Fonte: MTE/RAIS.

2.3 – Estoque de Emprego nos Estados do Nordeste, segundo os Setores de Atividade Econômica

Observando os números do ano de 2000, os setores administração pública (1.526.055 vínculos), os serviços (1.177.402 vínculos) e a indústria (663.942 vínculos) são os que detêm o maior estoque de mão-de-obra, destacando-se, nos referidos setores, o Estado da Bahia, onde a mão-de-obra faz-se mais presente na administração pública (371.346 vínculos) e nos serviços (368.502 vínculos) e o Estado do Ceará

que lidera com 152.789 vínculos no setor industrial. No ano de 2004, mantém-se na primeira e segunda posição a administração pública (1.864.022 vínculos) e os serviços (1.441.667 vínculos), porém, na terceira colocação, o setor comercial (827.756 vínculos). Em nível de estado, a Bahia em termos de estoque de mão-de-obra, prepondera na administração pública (457.729 vínculos), nos serviços (442.886 vínculos) e no comércio (250.616 vínculos) (Tabela 3).

2.4 – Estoque de Emprego, por Setor de Atividade Econômica e Sexo

O estoque de emprego na região Nordeste, no ano de 2000, é de 4.374.850. No ano de 2004, este valor ascende para 5.394.730 vínculos, equivalendo, a uma ampliação de 1.019.880 novos vínculos, traduzindo um valor médio da ordem de 203.976 empregos/ano. Considerando os novos 1.019.880 empregos, destacam-se a administração pública (337.967 empregos), os serviços (264.265 empregos) e o comércio (199.078 empregos), como os três setores que mais absorveram força de trabalho, representando 78,57% de todos os empregos gerados na região Nordeste, no período de 2000 a 2004. O setor industrial, que na verdade é o que oferta empregos de melhor qualidade, no tocante aos rendimentos do trabalho, foi responsável pela geração de apenas 159.378 empregos, ou seja, 15,63% do total (Tabela 4).

Mais uma vez confirma-se o crescimento relativo da participação da mulher no mercado de trabalho. À luz dos números compilados pela RAIS, a intensidade da elevação acumulada do emprego feminino foi de, aproximadamente, 24,00%, contra a participação de 23,00% do gênero masculino. Em valores absolutos, no período de 2000 a 2004, foram gerados 441.806 novos empregos para as mulheres e de 578.074 para os homens.

Ainda sobre o gênero, tendo como referência o interstício de 2000 a 2004, os três setores de atividade econômica que mais empregam mulheres são administração pública, serviços e o comércio. Já para os homens, sobressai-se a atividade de serviços, seguida pela administração pública e o comércio (Tabela 4).

2.5 – Rendimentos do Emprego

São 1.019.880 empregos gerados na região Nordeste, no período de 2000 a 2004, estabelecendo uma média anual de, aproximadamente, 203.976 novos vínculos. Sobre a remuneração do trabalho, os números não apontam para um cenário favorável, posto que, de acordo com a distribuição de frequência, percebem-se situações que caracterizam a perda dos rendimentos, isto é, evolução de 8,41% para 10,67% (26,87%) da frequência na faixa de 0,5 a 1,0 salário mínimo; crescimento de 29,44% da participação na de 0 a 1,5 salário mínimo, ou seja, evolução de 37,47% para 48,50%, e mais o recuo de 2,21% para 1,29% (- 41,63%) dos que ganham mais de 20 salários mínimos.

Tabela 3 – Empregos Formais ao Final do Exercício por Setor de Atividade Econômica – Estados do Nordeste – 2000-2004

Ano / Estado	Setores de Atividade Econômica							Total
	Indústria	C. Civil	Comércio	Serviços	Agropecuária	Adm. Pública	Outros	
2000	663.942	208.622	628.678	1.177.402	169.994	1.526.055	157	4.374.850
Maranhão	25.811	16.764	43.177	72.780	4.466	122.294	01	284.793
Piauí	22.128	11.150	30.917	42.741	3.192	95.601	—	205.729
Ceará	152.789	27.746	93.253	191.781	10.434	215.087	03	691.093
RG. Norte	48.425	13.812	41.681	73.412	15.529	122.629	—	315.488
Paraíba	53.109	13.052	36.630	70.975	11.751	153.609	09	339.135
Pernambuco	143.817	43.639	126.488	249.369	43.106	276.477	136	883.032
Alagoas	64.393	10.159	32.159	55.622	19.971	89.879	—	272.183
Sergipe	26.634	11.031	29.163	52.720	7.373	79.133	—	206.054
Bahia	126.836	61.269	195.210	368.502	54.172	371.346	08	4.374.850
2004	823.320	209.000	827.756	1.441.667	228.965	1.864.022	—	5.394.730
Maranhão	28.812	15.858	62.970	91.144	10.081	161.505	—	370.370
Piauí	24.933	10.805	41.486	56.443	4.632	124.884	—	263.183
Ceará	185.844	26.604	122.284	247.358	18.827	259.518	—	860.435
R G. Norte	60.087	18.410	61.115	96.862	22.960	161.675	—	421.109
Paraíba	60.306	12.243	47.308	77.517	16.265	182.511	—	396.150
Pernambuco	164.282	40.230	163.019	300.259	57.993	296.826	—	1.022.609

(continua)

Tabela 3 – Empregos Formais ao Final do Exercício por Setor de Atividade Econômica – Estados do Nordeste – 2000 e 2004
(conclusão)

Ano / Estado	Indústria	C. Civil	Setores de Atividade Econômica					Total
			Comércio	Serviços	Agropecuária	Adm. Pública	Outros	
Alagoas	98.322	10.229	43.064	66.187	9.997	118.704	346.503	
Sergipe	34.271	13.447	35.894	63.011	8.763	100.670	256.056	
Bahia	166.463	61.174	250.616	442.886	79.447	457.729	1.458.315	

Fonte: MTE/RAIS.

Tabela 4 – Empregos Formais segundo o Gênero, por Setor de Atividade Econômica – 2000-2004

Sexo / ano	Setores de Atividade Econômica							Total
	Indústria	C. Civil	Comércio	Serviços	Agropecu- ária	Adm. Pública	Outros	
Masculino								
2000	492.530	197.417	401.310	709.979	152.880	560.924	117	2.512.157
2001	504.243	199.938	409.977	745.758	152.103	592.823	—	2.604.842
2002	546.130	195.126	450.170	788.221	174.279	631.441	—	2.785.367
2003	553.757	182.068	477.983	809.367	196.079	688.157	—	2.907.411
2004	617.626	196.371	422.409	852.283	203.379	698.163	—	3.090.231
Feminino								
2000	171.412	14.205	227.368	467.423	17.114	965.131	40	1.862.693
2001	175.043	14.042	237.136	509.118	20.253	994.585	—	1.950.177
2002	187.662	13.360	161.968	543.618	21.275	1.046.147	—	2.074.030
2003	190.892	13.029	278.640	559.742	24.925	1.120.751	—	2.187.979
2004	205.694	12.629	301.347	589.384	25.586	1.165.859	—	2.304.499
Total								
2000	663.942	208.622	628.678	1.177.402	169.994	1.526.055	—	4.374.850
2001	679.286	213.980	647.113	1.254.876	172.356	1.587.408	—	4.555.019
2002	733.792	208.486	712.138	1.331.839	195.554	1.677.588	—	4.859.397
2003	744.649	195.097	756.623	1.369.109	221.004	1.808.908	—	5.095.390
2004	823.321	209.000	827.756	1.441.667	228.965	1.844.022	157	5.394.730

Fonte: MTE/RAIS.

Ainda sobre os indicadores constantes na Tabela 5, observa-se, na comparação dos resultados do ano de 2004 com os de 2000, uma participação descendente da representação nas faixas acima de 1,5 salário mínimo, apontando para o fato de os rendimentos do trabalho seguirem uma trajetória contrária ao crescimento do nível de emprego. Qual seria a explicação desse comportamento? A princípio, atribui-se esse fenômeno ao crescimento dos empregos mal remunerados e que, apesar de o setor produtivo ter contribuído sobremaneira para a geração de novos postos de trabalho, não mantém o perfil antigo de remuneração, diante do excessivo descompasso entre a oferta e a demanda de mão-de-obra, posto que, em nível nacional e em média anual, a população economicamente ativa cresce 17,00% e a geração de empregos 14,00%.

Tabela 5 – Rendimentos do Emprego Formal por Faixas de Salário Mínimo – 2000 e 2004

Faixas Salário Mínimo	2000			2004		
	F _i	F _{i,R}	F _{i,R,A}	F _i	F _{i,R}	F _{i,R,A}
≤ 0,5	33.855	0,77	0,77	32.895	0,61	0,61
0,5 -- 1,0	367.897	8,41	9,18	575.502	10,67	11,28
1,0 -- 1,5	1.236.978	28,29	37,47	2.007.780	37,22	48,50
1,5 -- 2,0	694.450	15,87	53,34	817.762	15,16	63,66
2,0 -- 3,0	705.853	16,13	69,47	727.777	13,49	77,15
3,0 -- 4,0	359.693	8,22	77,69	380.373	7,05	84,20
4,0 -- 5,0	244.604	5,59	83,028	236.562	4,39	88,59
5,0 -- 7,0	262.108	5,99	89,27	225.358	4,18	92,77
7,0 -- 10,0	166.635	3,81	93,08	144.116	2,67	95,44
10,0 -- 15,0	118.715	2,71	95,79	105.067	1,95	97,39
15,0 -- 20,0	53.629	1,23	97,02	50.965	0,94	98,33
> 20,0	96.597	2,21	99,23	69.713	1,29	99,62
Ignorado	33.836	0,77	100,00	20.860	0,38	100,00
Total	4.374.850	100,00	--	5.394.730	100,00	--

Fonte: MTE/RAIS.

Ainda no que se refere aos rendimentos do trabalho, a Tabela 6 apresenta as medidas de posição da distribuição dos rendimentos. As colocações anteriores fundamentam-se diante dessas estatísticas, posto que os valores em salários mínimos mais frequentes declinam de 1,31 para 1,27 (3,05%) e os rendimentos de no máximo 50,00% recua 17,99%, ou seja, era de 1,89, no ano de 2000, e passa a 1,55, no ano de 2004. Em termos de salário médio, a perda, ao longo do interstício de 2000 a 2004, foi de 22,48%.

Tabela 6 – Medidas de Posição dos Rendimentos do Emprego em Salários Mínimos – Região Nordeste – 2000-2004

Medida	Anos	
	2000	2004
Rendimento médio	2,18	1,69
Rendimento mais frequente	1,31	1,27
Rendimento máximo de 50,00% dos ocupados	1,89	1,55

Fonte: MTE/RAIS.

2.6 – Rendimentos do Emprego, segundo os Estados do Nordeste

Conforme estatísticas anteriores, constata-se, no período de 2000 a 2004, uma tendência crescente do estoque de mão-de-obra, o que traduz um crescimento do nível de emprego; porém o mesmo comportamento não se verifica para os rendimentos do trabalho, posto que, ao longo do referido período, de acordo com as informações constantes na RAIS, declina de forma significativa o salário dos trabalhadores. Para melhor fundamentar essas colocações, apresenta-se na Tabela 7 a seguir a participação do número de trabalhadores com rendimento de até 1,5 salário mínimo e aqueles com valores acima de 10 salários mínimos, como também as medidas de posição da distribuição, fazendo-se a ressalva de os números serem relativos aos anos de 2000 e 2004, para cada estado da região Nordeste.

Olhando um pouco a história, sabe-se que nas décadas de 50 a 80, do século passado, a economia brasileira teve as maiores taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) e do emprego, porém já circulavam no mundo do trabalho os baixos salários e que, segundo entrevista ao economista Furtado (2004, p. 58-63) afirmava que

nas décadas 50 a 80 o Brasil andava para frente e para trás, simultaneamente. A economia brasileira avançava nas exportações e importações, e na renda *per capita*, mas, quando se olhava de perto, percebia-se que a renda concentrava-se de tal forma que uma parcela crescente da população estava andando para trás.

Será que a história se repete diante de tantas transformações que ocorreram no mundo do trabalho, da década de 1980 até os dias de hoje? Indagado como aceitar isso? Ele responde: “a verdadeira economia se observa nas pessoas, nos assalariados. Hoje temos uma situação semelhante. É impressionante como a economia brasileira está criando emprego, mas basicamente empregos de salário reduzido”. Esta declaração está em perfeita consonância com os números descritos na Tabela 7, onde se observam, ao longo do

período de 2000 a 2004, para todos os estados do Nordeste, o aumento da participação dos rendimentos na faixa de até 1,5 salário mínimo e a redução dos que auferem acima de 10 salários mínimos. Acrescente-se que este resultado tem relação direta com os salários de admissão dos trabalhadores, que vêm declinando ano a ano, conforme análises desenvolvidas nos tópicos relativos às informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED).

2.7 – Rendimentos do Emprego, de Acordo com o Gênero

Tendo como referência os rendimentos de até 1,5 salário mínimo, constata-se, no período de 2000 a 2004, especificamente para os homens, uma participação ascendente de 34,27% para 45,21% (31,92%). Já para o sexo feminino, a ampliação do número de vínculos na referida faixa é de 26,37%. Este resultado, que é inferior ao dos homens, ainda não traduz uma situação favorável para a mão-de-obra feminina, posto que, em todas as faixas acima de dois salários mínimos, a representação das mulheres é menor do que a dos homens. Por outro lado, consolida-se a posição de desvantagem das mulheres, quando se constata que na faixa acima de 20 salários mínimos, especificamente no ano de 2004, a participação das mulheres é inferior a dos homens em 47,53% (Tabela 8).

Tomando-se como referência a estatística mediana, no interstício de 2000 a 2004 (Tabela 9), registra-se para os homens uma perda de 17,17%, já que para as mulheres o recuo foi de 17,05%. Mesmo cômico de que a média aritmética não é uma estatística de representação adequada para a distribuição em questão, haja vista a elevada dispersão dos números, adotando-a apenas em termos de comparação, confere-se, ao longo do período de análise, uma perda de 21,98% para os homens e de 21,50% para as mulheres. Em síntese, apesar de o crescimento relativo do emprego ter sido mais expressivo para as mulheres, admite-se, com os resultados, que elas contribuíram de forma mais significativa para a queda dos rendimentos do trabalho, no período considerado, posto que, tanto no ano de 2000, como no ano de 2004, o valor de todas as medidas de posição para as mulheres é inferior ao dos homens.

Tabela 7 – Representação Relativa dos Rendimentos do Emprego e Medidas de Posição – Estados do Nordeste – 2000 e 2004

Especificação	Estados do Nordeste								
	Maranhão	Piauí	Ceará	R. G. Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia
2000									
Até 1,5 sm	40,09	45,24	44,50	45,14	40,82	30,32	41,85	40,78	32,92
Mais de 10 sm	5,58	4,82	5,92	5,35	5,32	6,74	5,39	6,80	6,89
Média	2,16	1,95	1,90	1,71	1,99	2,32	2,00	2,05	2,51
Moda	1,27	1,23	1,28	1,29	1,33	1,39	1,29	1,30	1,32
Mediana	1,86	1,95	1,69	1,57	1,77	2,01	1,76	1,80	2,11
2004									
Até 1,5 sm	49,11	50,32	56,33	48,56	51,18	46,88	50,26	46,23	44,45
Mais de 10 sm	5,28	3,49	3,83	4,12	3,72	4,10	3,32	5,47	4,48
Média	1,72	1,63	1,50	1,69	1,60	1,74	1,61	1,79	1,88
Moda	1,24	1,25	1,26	1,28	1,28	1,30	1,28	1,28	1,28
Mediana	1,56	1,50	1,42	1,55	1,49	1,58	1,50	1,62	1,68

Fonte: MTE/RAIS.

Tabela 8 – Rendimentos do Emprego de Acordo com o Gênero – Região Nordeste – 2000 e 2004

Faixas Salário mínimo	Masculino				Feminino			
	2000		2004		2000		2004	
	F i	F i, A	F i	F i, A	F i	F i, A	F i	F i, A
≤ 0,5	0,33	0,33	0,37	0,37	1,37	1,37	0,92	0,92
0,5 -- 1,0	7,08	7,41	9,39	9,76	10,21	11,58	12,38	13,30
1,0 -- 1,5	26,86	34,27	35,45	45,21	30,28	41,86	39,60	52,90
1,5 -- 2,0	16,24	50,51	16,71	61,92	15,38	57,24	13,07	65,97
2,0 -- 3,0	17,20	67,71	13,96	75,88	14,69	71,93	12,86	78,83
3,0 -- 4,0	8,62	76,33	7,34	83,22	7,68	79,61	6,67	85,50
4,0 -- 5,0	5,90	82,23	4,57	87,79	5,17	84,78	4,14	89,64
5,0 -- 7,0	5,81	88,04	4,22	92,01	6,23	91,01	4,12	96,76
7,0 -- 10,0	3,98	92,02	2,70	94,71	3,57	94,58	2,63	96,39
10,0 -- 15,0	2,87	94,89	2,11	96,82	2,44	97,02	1,73	98,12
15,0 -- 20,0	1,41	96,30	1,12	97,94	0,97	97,99	0,71	98,83
> 20,0	2,77	99,07	1,62	99,56	1,45	99,44	0,85	99,68
Ignorado	0,93	100,00	0,44	100,00	0,56	100,00	0,32	100,00
Total	100,00	--	100,00	--	100,00	--	100,00	--

Fonte: MTE/RAIS.

Tabela 9 – Medidas de Posição dos Rendimentos do Emprego (em Salários Mínimos), segundo o Gênero – Região Nordeste – 2000 e 2004

Medidas	Masculino		Feminino	
	2000	2004	2000	2004
Rendimento médio	2,32	1,81	2,00	1,57
Rendimento mais frequente	1,31	1,30	1,28	1,25
Rendimento máximo de 50,00% dos ocupados	1,98	1,64	1,76	1,46

Fonte: MTE/RAIS.

2.8 – Variação do Nível de Emprego no Brasil e Regiões do País

Observando os números da Tabela 10, a geração de postos de trabalho com carteira assinada é de 4.179.798, no período de 2000 a 2004. Tratando-se da região Nordeste, que tem a segunda maior força de trabalho do país, a geração de novos empregos ocupa a terceira posição, com um valor acumulado de 565.151, no período de 2000 a 2004. Para a região Sudeste, o saldo do emprego formal tem representação de 52,21% sobre o total do país, seguida pela região Sul cuja representação é de 21,64%, ou seja, somente as duas regiões acumulam representação da ordem de 73,85%.

Tabela 10 – Saldo do Emprego Formal (1) – Regiões do Brasil – 2000-2004

Região	2000	2001	2002	2003	2004	Total
Norte	35.549	22.162	31.240	28.886	77.413	195.250
Nordeste	102.549	60.467	130.434	84.104	187.597	565.151
Sudeste	359.945	295.570	391.292	318.708	816.743	2.182.258
Sul	111.714	156.014	150.718	155.732	330.221	904.399
Centro-Oeste	47.839	56.866	58.730	58.003	111.302	332.740
Brasil	657.596	591.079	762.414	645.433	1.523.276	4.179.798

Fonte: MTE/CAGED.

Nota 1: Saldo dos movimentos do CAGED (admissões – desligamentos).

A Tabela 11 apresenta os índices de base fixa, determinados a partir dos números da variação do nível de emprego constantes na Tabela 10. Em nível de país, percebem-se, no período de 2000 a 2004, ano a ano, constantes inflexões do saldo de emprego formal, com uma tendência ascendente do número de admissões com carteira assinada sobre o total de desligamentos. Esta afirmação consolida-se quando se registra um índice de 231,64, no ano de 2004. Apenas as regiões Sul e Centro-Oeste apresentaram índice de crescimento no número de novos empregos, superior ao valor nacional. Por outro lado, numa posição de menor desempenho, sobressai-se a região Nordeste que, no ano de 2001, apresentou o índice de menor performance, comparativamente a todos os resultados constantes na Tabela em questão.

Tabela 11 – Índice de Base Fixa (ano de 2000) do Saldo do Emprego – Regiões e Brasil – 2000-2004

Região	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Norte	100,00	62,34	87,88	81,26	217,76
Nordeste	100,00	58,96	127,19	82,01	182,93
Sudeste	100,00	82,12	108,71	88,54	226,07
Sul	100,00	139,65	134,91	139,40	295,60
Centro-Oeste	100,00	118,87	122,76	121,25	232,66
Brasil	100,00	89,88	115,94	98,15	231,64

Fonte: MTE/RAIS.

2.9 – Variação do Nível de Emprego nos Estados da Região Nordeste

Observando os resultados constantes na Tabela 12, atesta-se que os estados da Bahia, Ceará e Pernambuco foram os de melhor performance, na medida em que o saldo acumulado do nível de emprego, ao longo do interstício de 2000 a 2004, foram de, respectivamente, 159.304, 115.576 e 101.803 novos empregos. Somente os três estados citados acumulam 376.683 empregos, representando, sobre o total no período, 66,65%. Por outro lado, os três estados de menor variação do nível de emprego foram Piauí (15.325), Paraíba (21.385) e Maranhão (26.853).

Fazendo uma leitura do saldo do movimento do CAGED, ano a ano, a menor performance foi em 2001, onde, para toda a região Nordeste, a diferença entre as admissões e os desligamentos alcança 60.467 postos de trabalho. Contrário a este resultado despontou o ano de 2004, com a geração de 187.597 novos empregos. Ademais, é importante mencionar o fato de a variação do nível de emprego, no ano de 2004, ser superior ao do ano de 2000 em 82,93%.

Tabela 12 – Saldo dos Empregos Formais, por Estado – 2000-2004

Estado	Anos					Total
	2000	2001	2002	2003	2004	
Maranhão	3.846	3.633	3.242	6.093	10.039	26.853
Piauí	2.312	- 156	5.326	1.953	5.890	15.325
Ceara	17.779	17.081	30.831	18.645	31.240	115.576
Rio Grande do Norte	8.962	5.865	10.756	7.080	17.992	50.655
Paraíba	5.005	- 141	7.160	- 3.352	12.713	21.385
Pernambuco	19.866	13.509	17.173	13.829	37.426	101.803
Alagoas	11.904	6.731	7.812	10.872	9.682	47.001
Sergipe	3.244	796	10.836	2.482	9.861	27.249
Bahia	29.631	13.149	37.298	26.502	52.724	159.304
Total	102.549	60.467	130.434	84.104	187.597	565.151

Fonte: MTE/CAGED.

2.10 – Variação do Nível de Emprego na Região Nordeste, por Setor de Atividade Econômica

Considerando o crescimento acumulado da variação do nível de emprego, ao longo do período de 2000 a 2004, por atividade econômica, registra-se evolução ascendente nos setores extrativa mineral (34,14%), indústria de transformação (115,65%), construção civil (112,42%), comércio (97,05%) e serviços com expansão da ordem de 73,91%. Em termos absolutos, os três setores que apresentaram crescimento mais expressivo da variação do nível de emprego, considerando os anos de 2000 a 2004, foram: a indústria de transformação, 31.732; o comércio, 25.947 e os serviços com criação de 24.916 novos empregos com carteira assinada (Tabela 13).

Ainda sobre os números da Tabela 13, somando a variação do nível de emprego de cada ano, constata-se, numa ordem setorial de maior geração de postos de trabalho, os serviços (222.753), o comércio (168.509) e a indústria de transformação (155.561). Apesar de a indústria de transformação ter se destacado com a geração de novos empregos, entre os anos de 2000 e 2004, no agregado de todo o período, o referido setor coloca-se na terceira posição e que, talvez, por essa razão, sendo o setor de atividade que melhor remunera a força de trabalho, não deve ter contribuído para a elevação dos salários dos trabalhadores.

Tabela 13 – Saldo do Emprego Formal, segundo o Setor de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2004

Setor de Atividade	Anos					Total
	2000	2001	2002	2003	2004	
Extrativa Mineral	873	836	553	1.427	1.171	4.860
Indústria de Transformação	27.439	9.110	34.214	25.627	59.171	155.561
Ser. Ind. de Utilidade Pública	- 3.238	- 1.090b	2.012	453	- 473	- 2.514
Construção Civil	4.105	- 11.732	- 9.646	- 15.729	8.720	- 24.282
Comércio	26.735	15.156	47.527	26.409	52.682	168.509
Serviços	33.711	50.111	48.631	31.673	58.627	222.753
Administração Pública	878	- 1.840	135	- 84	- 1.442	- 2.353
Agr. Extr. Vegetal caça e pesca	10.826	- 424	7.034	14.236	9.133	40.805
Outros / ignorado	1.398	340	- 26	92	08	1.812
Total	102.549	60.467	130.434	84.104	187.597	565.151

Fonte: MTE/CAGED.

2.11 – Saldo do Emprego Formal, no Âmbito dos Estados e das Atividades Econômicas

Segundo colocações anteriores, os serviços, o comércio e a indústria de transformação são os três setores de atividade, na região Nordeste, que apresentam valores mais expressivos no tocante ao crescimento do emprego, no acumulado do período de 2000 a 2004.

Côncio de que, ao longo do interstício em questão, o nível de emprego apresentou uma tendência ascendente, para atestar a supremacia do crescimento dos empregos formais nos setores de atividade econômica citados, no âmbito dos estados, considera-se apenas a diferença entre a variação do nível de emprego, entre os anos de 2000 e 2004. De acordo com os números da Tabela 14, os estados da Bahia (10.893 empregos), Pernambuco (7.369 empregos) e Piauí (2.860 empregos) são os que se sobressaem. No comércio, os estados da Bahia e de Pernambuco mantêm-se nas mesmas posições, com a geração de, respectivamente, 6.486 e 5.194 novos empregos formais, porém, na terceira posição, o Ceará prepondera com um saldo de 5.032 postos de trabalho. Já na indústria de transformação, conferem-se saldos de 8.569, no Estado de Pernambuco, 7.660, na Bahia e, mantendo-se ainda na terceira posição, o Estado do Ceará, cuja variação do nível de emprego entre os anos de 2004 e 2000 é de 3.717 postos de trabalho.

Tabela 14 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Atividades Econômicas – Estados do Nordeste – 2000 e 2004

Ano/Atividade	Estados do Nordeste												
	Maranhão	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	Rio Grande do Norte	Ceará	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia
2000													
Extr. Vegetal	256	08	136	- 80	- 32	- 30	33	104	478				
Ind. Transf.	919	1.039	8.421	2.080	287	341	6.493	833	7.026				
Ser.Ind. Ut. P.	- 379	- 14	- 806	- 61	- 14	- 1.498	- 153	99	- 594				
Constr. Civil	607	- 554	- 2.246	- 285	- 455	3.964	961	- 567	2.680				
Comércio	1.261	2.208	3.932	2.716	79	5.786	1.381	1.210	8.162				
Serviços	1.627	135	7.098	4.448	2.881	5.700	397	1.361	10.064				
Adm. Públ.	- 50	15	355	- 256	03	743	96	13	- 41				
Agr. Extr. Veg. Caça Pés.	- 519	- 507	830	378	2.236	4.636	2.693	119	960				
Outros / Ig.	120	- 18	59	22	20	224	03	72	896				
Total	3.846	2.312	17.779	8.962	5.005	19.866	11.904	3.244	29.631				
2004													
Extr. Vegetal	01	34	09	71	08	- 30	11	246	821				
Ind. Transf.	1.816	353	12.138	5.696	4.308	8.910	9.007	2.257	14.686				
Ser.Ind. Ut. P.	- 109	- 89	- 115	86	297	- 52	06	- 34	- 463				
Constr. Civil	1.249	651	1.015	2.123	- 81	821	1.139	1.616	187				

(continua)

Tabela 14 – Saldo do Emprego Formal, segundo as Atividades Econômicas – Estados do Nordeste – 2000 e 2004 (conclusão)

Ano/Atividade	Estados do Nordeste									
	Maranhão	Piauí	Ceará	Rio Grande do Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia	
Comércio	3.774	2.995	8.964	5.058	2.790	10.980	1.797	1.676	14.648	
Serviços	3.382	1.693	8.340	4.430	1.919	13.069	2.058	2.779	20.957	
Adm. Públ.	17	35	- 107	21	- 17	191	206	68	- 1.856	
Agr. Extr. Veg. Caça Pes.	- 91	218	996	507	3.481	3.537	- 4.542	1.283	3.744	
Outros / Ig.	—	—	—	—	08	—	—	—	—	
Total	10.039	5.890	31.240	17.992	12.713	37.426	9.682	9.891	52.724	

Fonte: MTE/CAGED.

2.12 – Admissões nos Estados do Nordeste, segundo as Faixas de Salário

Apesar de o crescimento do nível de emprego ter sido significativo ao longo do período de 2000 a 2004, as estatísticas do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) apontam tendência contrária no que se refere aos rendimentos do trabalho, e que, em hipótese, justifica-se este comportamento, a partir da redução gradativa, ao longo dos últimos anos, do salário de contratação da força de trabalho, notadamente o dos jovens. Para reforçar esta hipótese, apresenta-se, inicialmente, a Tabela 15 a seguir com a representação do número de trabalhadores com salário de admissão de até 1,5 salário mínimo e os que são admitidos com valores acima de 10 salários mínimos, como também as medidas de posição em quantidade de salários mínimos, fazendo-se a ressalva de os números serem relativos aos anos de 2000 e 2004, para cada estado da região Nordeste.

Em seguida, na perspectiva de consolidar esta hipótese, pressupondo-se dois fatores que explicam este fenômeno, ou seja, o crescimento da contratação de jovens em substituição à mão-de-obra com idade mais elevada, porém com salários inferiores, e a questão da discriminação, em razão do gênero, apresentam-se as Tabelas 16, 17 e 19, que tratam das variáveis: admissões, segundo as faixas de salário; salário de admissão, segundo as faixas etárias e, por último, salário de admissão, segundo as faixas, por gênero.

Excluindo o Estado do Rio Grande do Norte, onde a representação do salário de admissão no valor de até 1,5 mínimo declina de 66,99% para 64,33%, no período de 2000 a 2004, nos demais estados da região Nordeste, constata-se elevação significativa da participação da força de trabalho, que ingressa no setor formal da economia com um rendimento inicial de, no máximo, 1,50 salário mínimo. Neste contexto, destacam-se os estados de Pernambuco e da Paraíba, com crescimento de representação da ordem de, respectivamente, 48,44% e 34,92% (Tabela 15).

Esses números mostram que o salário de contratação é, sem dúvida, um dos fatores que tem contribuído para a diferença de tendência entre o crescimento dos rendimentos do trabalho e a evolução do nível de emprego, ocorrida no período de 2000 a 2004. Esta afirmação melhor fundamenta-se à luz das medidas de posição da distribuição em questão, posto que, excluindo os resultados do Estado do Rio Grande do Norte, nos demais da região Nordeste, os valores do ano de 2004 são menores do que os do ano de 2000. Em síntese, é provável que a situação diferenciada do Estado do Rio Grande do Norte deva-se à indústria de petróleo existente que possibilita, tanto uma melhor situação salarial para os trabalhadores lotados na indústria de transformação, como também para os demais segmentos da economia, na medida em que esta atividade reproduz um efeito em cadeia muito forte no tocante à geração de empregos diretos e indiretos.

**Tabela 15 – Admissões e as Medidas de Posição Referentes ao Salário de Contratação (em Salário Mínimo)
– Estados do Nordeste – 2000 e 2004**

Especificação	Estados do Nordeste								
	Maranhão	Piauí	Ceará	R.G.Norte	Paraíba	Pernambuco	Alagoas	Sergipe	Bahia
2000									
Até 1,5 sm	59,24	73,65	65,85	66,99	58,94	48,70	75,64	65,09	53,10
Mais de 10 sm	1,95	1,40	1,67	1,19	1,25	1,99	1,16	1,94	2,24
Média	1,46	1,26	1,36	1,39	1,48	1,62	1,34	1,37	1,82
Moda	1,23	1,11	1,21	1,25	1,31	1,32	1,26	1,22	1,19
Mediana	1,38	1,21	1,31	1,34	1,42	1,52	1,31	1,32	1,61
2004									
Até 1,5 sm	71,43	83,57	78,25	64,33	79,52	72,29	84,02	74,63	67,41
Mais de 10 sm	0,43	0,16	0,33	0,18	0,19	0,39	0,34	0,45	0,69
Média	1,30	1,22	1,21	1,42	1,25	1,35	1,30	1,27	1,34
Moda	1,19	1,19	1,18	1,24	1,20	1,26	1,25	1,19	1,17
Mediana	1,26	1,21	1,20	1,36	1,23	1,32	1,28	1,24	1,28

Fonte: MTE/CAGED.

2.13 – Admissões, Segundo as Faixas de Salário e Idade

Conforme as análises feitas neste texto, o crescimento do nível de emprego em todo o país, ao longo do período de 2000 a 2004, é contrário à evolução dos rendimentos do trabalho. Esta tendência é vista claramente, quando se leem os números constantes na Tabela 5, que trata da distribuição, por faixas de salário mínimo, da composição da renda total dos empregos. Para melhor compreender este cenário, é suficiente observar as estatísticas da Tabela 16, onde se têm os salários das admissões, no período em questão. De acordo com a Tabela 16, se considerar a faixa de até 1,5 salário mínimo, no ano de 2000, a representação é de 58,62%, evoluindo, em 2004, para 72,25%. Observando as frequências relativas simples, percebem-se, em 2004, menores participações, comparativamente aos resultados do ano de 2000, a partir da classe de 1,51 a 2,00 salários mínimos. Por outro lado, a representação das pessoas que são admitidas com um salário superior a R\$ 7.000,00 declina de 0,57%, no ano de 2000, para 0,08%, em 2004, ou seja, redução de 85,96%. A princípio, os números apontam para uma mobilidade descendente, ano a ano, dos trabalhadores da classe média (acima de 3,00 salários mínimos) na direção das faixas inferiores de salários. Qual seria a explicação desses resultados? Ora, na verdade, além do fato de o excedente de mão-de-obra ser de elevada representação, em razão de o crescimento médio anual da força de trabalho no país ser estimado em 17,00% e o de novas ocupações em 14,00%, conforme mencionado anteriormente, pratica-se no mercado de trabalho, notadamente a partir dos últimos anos da década de 1990, a “substituição seletiva de mão-de-obra”, ou seja, a substituição de pessoas já ocupadas por outras mais escolarizadas e mais jovens, mas que aceitam menores salários, pela exiguidade da oferta de empregos com carteira assinada. Este fenômeno, que tem se agravado nos últimos 5 anos, contribui sobremaneira para a precarização dos níveis de remuneração do trabalho. Para comprovar esta hipótese, adotar-se-á como referência o salário de admissão da população com carteira assinada, segundo as faixas etárias, menor ou igual a 29 anos (representando a categoria dos jovens), e aquela maior ou igual a 30 anos (representando o segmento adulto).

Verificando os números da Tabela 17, analisando especificamente os salários de admissão no valor de até 1,5 salário mínimo, observa-se, no segmento das pessoas com idade inferior a 29 anos, que a concentração se eleva de 67,94% para 78,25%, indicando que, ao longo do período de 2000 a 2004, amplia-se à participação de jovens que ingressam no mercado de trabalho com baixas remunerações. Por outro lado, nas faixas de admissão acima de 10,0 salários mínimos, confere-se comportamento inverso, ou seja, para as pessoas com idade acima de 30 anos, a participação na referida faixa declina de 3,12% para 0,76%, traduzindo um declínio da ordem de 75,64%. Estes números evidenciam a prática da “substituição seletiva de mão-de-obra” no mercado de trabalho.

Tabela 16 – Admissões segundo as Faixas de Salário – Região Nordeste – 2000 e 2004

Faixas Sal. min	2000			2004		
	F _i	F _{i,R}	F _{i,R,A}	F _i	F _{i,R}	F _{i,R,A}
≤ 0,5	1.799	0,15	0,15	6.730	0,48	0,48
0,5 -- 1,0	199.904	16,89	17,09	289.784	20,70	21,18
1,0 -- 1,5	492.442	41,58	58,62	715.054	51,07	72,25
1,5 -- 2,0	189.795	16,03	74,65	166.845	11,92	84,17
2,0 -- 3,0	155.399	13,13	87,78	136.521	9,75	93,92
3,0 -- 4,0	50.853	4,30	92,08	37.813	2,70	96,62
4,0 -- 5,0	27.420	2,30	64,40	13.066	0,93	97,55
5,0 -- 7,0	21.984	1,86	96,26	11.717	0,84	98,39
7,0 -- 10,0	15.215	1,29	97,55	7.622	0,54	98,93
10,0 -- 15,0	10.164	0,86	98,41	3.715	0,27	99,20
15,0 -- 20,0	4.451	0,38	98,79	1.117	0,08	99,28
> 20,0	6.772	0,57	99,36	1.139	0,08	99,36
Ignorado	7.601	0,64	100,00	8.982	0,64	100,00
Total	1.183.801	100,00	--	1.400.105	100,00	--

Fonte: MTE/CAGED.

As medidas de posição descritas na Tabela 18 a seguir confirmam a redução dos salários de admissão dos trabalhadores, no interstício de 2000 a 2004. Mesmo considerando as limitações da representação estatística da média aritmética, haja vista à elevada dispersão das observações da variável em questão, o valor em 2004 é inferior ao do ano 2000 em 11,49%. No tocante ao salário mais frequente, o de 2004 é inferior ao de 2002 em 2,40% e 50,00% dos salários mais elevados de admissão, no ano de 2000, superam os de 2004 em 9,38%.

Tabela 17 – Salário de Admissão, segundo a Faixa Etária – 2000 e 2004

Faixas Sal. mín.	2000				2004			
	29 anos ≤		> 30 anos		29 anos ≤		> 30 anos	
	Fi	FiA	Fi	FiA	Fi	FiA	Fi	FiA
≤ 0,5	0,22	0,22	0,07	0,07	0,64	0,64	0,26	0,26
0,5 -- 1,0	20,38	20,60	12,78	12,85	23,35	23,99	16,98	17,24
1,0 -- 1,5	47,34	67,94	35,07	47,92	54,26	78,25	46,62	63,86
1,5 -- 2,0	15,86	83,80	16,40	64,32	9,37	87,62	15,49	79,35
2,0 -- 3,0	9,07	92,87	18,17	82,49	8,36	95,98	11,70	91,05
3,0 -- 4,0	2,87	95,74	6,07	88,56	1,78	97,76	3,99	95,04
4,0 -- 5,0	1,41	97,15	3,44	92,00	0,58	98,34	1,42	96,46
5,0 -- 7,0	1,17	98,32	2,71	94,71	0,52	98,86	1,28	97,74
7,0 -- 10,0	0,71	99,03	1,99	96,70	0,30	99,16	0,88	98,62
10,0 -- 15,0	0,41	99,44	1,40	98,10	0,13	99,29	0,45	99,07
15,0 -- 20,0	0,13	99,57	0,67	98,77	0,03	99,32	0,15	99,22
> 20,0	0,18	99,75	1,05	99,82	0,02	99,34	0,16	99,38
Ignorado	0,25	100,00	0,18	100,00	0,66	100,00	0,62	100,00
Total	100,00	--	100,00	--	100,00	--	100,00	--

Fonte: MTE/CAGED

Tabela 18 – Medidas de Posição dos Salários de Admissão, em Quantidade de Salários Mínimo – Região Nordeste – 2000 e 2004

Medida	Anos	
	2000	2004
Valor médio	1,48	1,31
Valor mais frequente	1,25	1,22
Valor máximo de 50,00% das admissões	1,40	1,28

Fonte: MTE/RAIS.

2.14 – Admissões, Segundo as Faixas de Salário, por Gênero

Observando as frequências constantes na Tabela 19, especificamente na faixa \leq 0,5 até 3,0 de salários de admissão, conferem-se alguns resultados que, relativamente, colocam as mulheres numa posição mais favorável, comparativamente aos homens no que se refere aos salários de admissão. No tocante à concentração dos valores, no período de 2000 a 2004, na faixa de 0,5 a 1,0, atesta-se uma evolução de 15,20% para 19,34% para os homens (27,24%) e de 21,73% para 24,44% para as mulheres (12,47%). No acumulado de 0,0 a 1,5 salário mínimo, a concentração no segmento masculino evolui 24,56%, enquanto que, para o sexo feminino, este crescimento é de 19,44%. Avançando para a faixa de 2,0 a 3,0 salários mínimos, verifica-se, no período em questão, comportamento contrário, ou seja, a redução de 14,59% para 9,33% da participação dos homens e crescimento de 8,94% para 10,89% da representação das mulheres. Apesar de os resultados não serem muito expressivos, haja vista o fato de o salário de contratação das mulheres serem, historicamente, bem inferiores ao dos homens; de certa forma, considerando a melhor situação de escolaridade das mulheres, é provável que se tenha dado início a um processo de alteração deste cenário, ou seja, que as pessoas do gênero feminino passem a ter melhores condições de negociar melhores salários, dado o permanente crescimento da seletividade do mercado de trabalho, onde o nível de instrução e a qualificação profissional são variáveis determinantes.

Por outro lado, no que se refere aos salários de contratação acima de R\$ 7.000,00, ainda não se percebe nenhuma vantagem para as mulheres, posto que, no período de 2000 a 2004, declina a representação dos homens em 83,05% e a das mulheres em 92,31%.

Tabela 19 – Admissões segundo as Faixas de Salário, por Gênero – Região Nordeste – 2000 e 2004

Faixas Salário Mínimo	Masculino				Feminino			
	2000		2004		2000		2004	
	Fi	Fi, A	Fi	Fi, A	Fi	Fi, A	Fi	Fi, A
≤ 0,5	0,13	0,13	0,37	0,37	0,22	0,22	0,79	0,79
0,5 -- 1,0	15,20	15,33	19,34	19,71	21,73	21,95	24,44	25,23
1,0 -- 1,5	42,08	57,41	51,80	71,51	40,23	62,18	49,04	74,27
1,5 -- 2,0	16,03	73,44	13,09	84,60	16,03	78,21	8,70	82,97
2,0 -- 3,0	14,59	88,03	9,33	93,93	8,94	87,15	10,89	93,86
3,0 -- 4,0	4,30	92,33	2,83	96,76	4,28	91,43	2,35	96,21
4,0 -- 5,0	2,42	94,75	0,90	97,66	2,01	93,44	1,03	97,24
5,0 -- 7,0	1,75	96,50	0,79	98,45	2,17	95,61	0,97	98,21
7,0 -- 10,0	1,18	97,68	0,53	98,98	1,57	97,18	0,59	98,80
10,0 -- 15,0	0,83	98,51	0,27	99,25	0,95	98,13	0,24	99,04
15,0 -- 20,0	0,38	98,89	0,09	99,34	0,37	98,50	0,06	99,10
> 20,0	0,59	99,48	0,10	99,44	0,52	99,02	0,04	99,14
Ignorado	0,52	100,00	0,56	100,00	0,98	100,00	0,86	100,00
Total	100,00	--	100,00	--	100,00	--	100,00	--

Fonte: MTE/CAGED.

Apesar de a distribuição anterior apontar alguns resultados indicativos da melhoria do salário de admissão das mulheres, ao longo do período de 2000 a 2004, verifica-se que os valores das medidas de posição dos homens sobrepõem aos das mulheres, porém, tomando-se como referência a estatística média, em 2000, o salário de admissão das pessoas do gênero masculino é superior ao das mulheres em 4,93%. Já no ano de 2004, este superávit declina para 2,33% (Tabela 20).

Tabela 20 – Medidas de Posição dos Salários de Admissão (em Quantidade de Salários Mínimos), segundo o Gênero – Região Nordeste – 2000 e 2004

Medidas	Masculino		Feminino	
	2000	2004	2000	2004
Valor médio de admissão	1,49	1,32	1,42	1,29
Valor mais frequente de admissão	1,25	1,23	1,22	1,18
Valor máximo de 50,00% das admissões	1,41	1,29	1,35	1,25

Fonte: MTE/RAIS.

Os números da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) confirmam efetivamente a geração de novos postos de trabalho, na medida em que, em nível de país, o estoque de mão-de-obra, no ano de 2000, é de 26.228.629 vínculos, evoluindo para 31.407.576 pessoas no ano de 2004, ou seja, um crescimento de 5.178.947 empregos. Em termos de regiões, procedendo-se a mesma diferença de estoque, sobressaem-se o Sudeste, Nordeste e Sul como as de maior geração de empregos. Destacando-se, porém, o fato de a região Nordeste, que tem a segunda maior força de trabalho do país, assegurar esta posição somente no que concerne aos postos de trabalho não celetistas, ou seja, tratando-se de empregos com carteira assinada, a região Sul, historicamente, ocupa a segunda posição.

Ainda no que se refere ao crescimento do estoque de mão-de-obra nas empresas, tratando-se especificamente dos números da região Nordeste, destacam-se: a Bahia, o Ceará e o Estado de Pernambuco. Setorialmente, numa ordem de maior geração de empregos, classificam-se a administração pública, serviços, comércio, indústria de transformação e, por último, a construção civil. Pela classificação apresentada, a indústria de transformação ocupa a penúltima posição, ou seja, por se tratar de um setor de atividade que promove os empregos de melhor qualidade, no tocante aos rendimentos do trabalho, admite-se que o referido setor não deve ter contribuído, no período em questão, para a melhoria da renda dos trabalhadores que exercem atividade no setor formal da economia.

Tratando-se da geração de postos de trabalho, de acordo com as informações do CAGED, no período de 2000 a 2004, foram gerados 4.179.798 postos de trabalho. Em nível de região, destacam-se: o Sudeste, o Sul e o Nordeste, ressaltando-se o fato de as duas primeiras terem representação de 73,85% do total de empregos com carteira assinada, gerados em todo o país, restando para o Nordeste a inexpressiva participação de 13,52%, mesmo sendo a região que detém a segunda maior população economicamente ativa, em nível nacional. Por estado, a Bahia, o Ceará e Pernambuco apresentam a melhor performance, posto que acumulam 66,65% de todos os empregos gerados na região Nordeste, no período em questão. Setorialmente, tendo-se com referência a va-

riação acumulada do nível de emprego, sobressaem-se, numa ordem de maior geração de ocupação, os serviços, o comércio, e a indústria de transformação.

Apesar de o nível de emprego ter evoluído de forma expressiva nos primeiros cinco anos da década de 2000, não se tem uma mesma leitura para a tendência de crescimento dos rendimentos do trabalho. De acordo com a RAIS e segundo as distribuições de salário das pessoas ocupadas, referentes aos anos de 2000 e 2004, constatam-se evolução de 8,41% para 10,67% do contingente de pessoas com rendimento na faixa de 0,5 a 1,0 salário mínimo; recuo de 2,21% para 1,29% a participação dos trabalhadores que auferem mais de 20 salários mínimos e a representação descendente daqueles trabalhadores com salário acima de 1,5 salário mínimo. Qual seria a explicação desse comportamento? Em hipótese, atribui-se este fenômeno ao crescimento do emprego mal remunerado e que, apesar de o setor produtivo ter contribuído para a geração de novos postos de trabalho, não mantém o perfil antigo de remuneração, diante das diferenças significativas entre o crescimento da oferta de mão-de-obra e a geração de novas oportunidades de trabalho.

CAPÍTULO 3: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO BNB NO NÍVEL DE EMPREGO – 2000-2004

3.1 – Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total das Empresas

Neste capítulo, avalia-se especificamente o emprego formal das empresas que receberam financiamento do Banco do Nordeste do Brasil (BNB), e de outras instituições financeiras, no período de 2000 a 2004, em níveis de região e estados do Nordeste.

O objetivo é atestar se as empresas que receberam financiamento do BNB apresentaram a mesma tendência crescente do estoque de emprego, ao longo do período em questão, conforme demonstrado no primeiro capítulo, relacionando-se os registros, ano a ano, do estoque de emprego, segundo os estados do Nordeste e mais a sua distribuição subsetorial, isto é, nas atividades indústria, construção civil, comércio, serviços, agropecuária e administração pública.

Numa abordagem geral dos resultados da análise, registra-se neste capítulo um comportamento crescente do estoque de emprego, no período de 2000 a 2004, com ascendência de 78.567 novos empregos. Um outro destaque é o crescimento do emprego na indústria, que tem representação de 57,41% sobre o total de 78.567. Sobre esse resultado, ressalte-se o fato de a indústria ser o subsetor de atividade que melhor remunera a força de trabalho, ou seja, o crescimento do estoque de emprego, no período em questão, deve ter contribuído para a elevação dos rendimentos do trabalho.

Na perspectiva de melhor entender o crescimento do estoque de emprego, no conjunto das empresas financiadas pelo BNB, apresenta-se neste capítulo a compo-

sição dos desembolsos efetivados⁴, ao longo do período de 2000 a 2004, segundo as atividades econômicas, destinados a cada estado da região Nordeste; a distribuição percentual do total dos valores para os estados, especificamente para cada ano do interstício mencionado, compondo-se, inclusive, a frequência relativa para a região Nordeste como um todo.

Observando os números da Tabela 21, confirma-se a elevação do estoque de emprego para os dois conjuntos de empresas em análise. Quando se trabalha, isoladamente, o conjunto das empresas não financiadas, o crescimento é de 22,68%, enquanto que, no evento formado pelas empresas financiadas, a elevação do emprego é de 35,15%; ou seja, aplicando o indicador “variação relativa do estoque de emprego”, o impacto é de 54,98%. Para melhor ilustrar esse resultado, constata-se, na Tabela 24, que o crescimento do estoque de emprego, do conjunto de todas as empresas da região Nordeste, no período de 2000 a 2004, é de 23,31%. Excluindo desse conjunto as empresas financiadas e não levando em consideração o efeito de outras variáveis, que também podem ter contribuído para o crescimento do nível de emprego na região Nordeste, a elevação declina para 22,68% (Tabela 24), ou seja, a presença das empresas no conjunto global dos estabelecimentos reflete um impacto da ordem de 2,78% na elevação do estoque de mão-de-obra.

Tabela 21 – Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB e Empresas Não Financiadas – Estados do Nordeste – 2000-2004

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas Financiadas					
Maranhão	13.541	13.749	15.471	16.949	18.358
Piauí	14.780	16.348	15.447	18.301	18.732
Ceará	64.234	67.325	69.477	88.398	96.385
R. G. do Norte	19.142	20.234	24.426	25.014	25.929
Paraíba	10.617	11.848	12.931	13.266	13.731
Pernambuco	26.038	28.117	30.271	31.417	35.945
Alagoas	28.038	32.403	35.530	35.962	39.236
Sergipe	12.772	12.098	12.934	13.840	14.265
Bahia	34.383	34.314	37.061	37.248	39.531

(continua)

⁴ Ver nota 2 que trata da composição da variável aporte de desembolso, a partir dos valores das pessoas físicas e jurídicas, no período de 2000 a 2004.

Tabela 21 – Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB e Empresas Não Financiadas – Estados do Nordeste – 2000-2004

(conclusão)					
Total	223.545	236.436	253.548	280.395	302.112
Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas não Financiadas					
Maranhão	271.252	294.730	314.464	331.812	353.012
Piauí	190.949	198.809	221.498	228.805	244.451
Ceará	626.859	657.629	723.835	736.664	764.050
R. G. do Norte	296.346	316.926	294.545	362.993	395.180
Paraíba	328.518	247.287	362.606	370.601	382.419
Pernambuco	856.994	867.298	913.624	930.759	986.664
Empresas não Financiadas					
Alagoas	244.145	254.270	276.250	279.729	307.267
Sergipe	193.282	206.381	226.371	231.271	241.791
Bahia	1.142.960	1.175.253	1.272.656	1.342.361	1.418.784
Total	4.151.305	4.318.583	4.605.849	4.814.995	5.092.618

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

A Tabela 22 apresenta, para toda a região Nordeste, o índice móvel do crescimento do estoque de emprego das empresas financiadas pelo BNB; daquelas não financiadas e mais do conjunto de todas as empresas. Excluindo as financiadas, nas quais o registro do maior índice de estoque é no ano de 2003, nos outros dois conjuntos, ou seja, no das não financiadas e no do total das empresas, atesta-se que o maior nível de emprego dá-se no ano de 2002 em relação ao de 2001. Neste contexto, tomando-se como referência as empresas financiadas, comparativamente ao conjunto das não financiadas, comprova-se superioridade em todos os índices, ao longo do período, destacando-se o resultado do ano de 2003, em que o valor do referido indicador é de 110,59, ou seja, superior ao das não financiadas (104,54), no referido ano, em 133,26%. Por outro lado, o segundo menor índice do estoque de emprego no conjunto das empresas financiadas é de 107,75, no ano de 2004. Cotejando esse resultado com os da Tabela 30, registra-se, no ano de 2003, a segunda menor representação do aporte de recursos (13,48%), isto é, exatamente no ano subsequente ao de menor montante de investimento, declina o nível de emprego. Diante desse resultado, pressupõe-se com isso a hipótese de o investimento aplicado e o crescimento do estoque de emprego estarem correlacionados positivamente.

Tabela 22 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, Empresas não Financiadas e Total das Empresas – 2000-2004

Especificação	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas financiadas	--	105,77	107,24	110,59	107,75
Empresas não financiadas	--	104,03	106,65	104,54	105,77
Total das empresas	--	104,12	106,68	104,86	105,87

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

Quando se analisam os números da Tabela 23, onde se dispõe o índice de base móvel do crescimento do estoque de emprego, segundo os estados da região Nordeste, registram-se alguns resultados que chamam atenção. Por exemplo: no conjunto de todas as empresas, ou seja, com a participação daquelas financiadas pelo BNB, excluindo o Estado da Paraíba, nos demais, o crescimento do estoque de mão-de-obra, comparativamente ao das não financiadas, dá-se sempre no mesmo ano, inclusive quando se considera a região Nordeste como um todo, na qual o maior índice móvel é o de 106,68 para o total das empresas e de 106,65 para aquelas não financiadas, no ano de 2002. Outro aspecto a considerar é que, ainda para toda a região Nordeste, os índices de base móvel do conjunto de todas as empresas superam os valores estabelecidos para os das não financiadas. Entende-se com isso que o impacto do investimento aplicado influenciou de alguma forma no crescimento do nível de emprego, na região Nordeste, ao longo do período de 2000 a 2004. Sobre o fato de o índice de crescimento do emprego ter ocorrido sempre no mesmo ano, nos dois conjuntos de empresas mencionados, pode-se atribuir este resultado a um possível impacto favorável da economia sobre o mercado de trabalho, na referida região.

Observando os resultados dos índices das empresas financiadas, que também constam na Tabela 23, atesta-se comportamento diferenciado, tanto no que se refere ao ano de registro do maior crescimento do emprego, como também no fato de este crescimento ser bem superior, comparativamente aos números registrados para os outros dois conjuntos de empresas em análise.

Tabela 23 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, Empresas não Financiadas e Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2004

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas Financiadas					
Maranhão	--	101,54	112,50	109,55	108,31
Piauí	--	110,61	94,49	118,48	102,36
Ceará	--	104,81	103,20	127,23	109,04
R G. do Norte	--	105,70	120,72	102,41	103,66
Paraíba	--	111,59	109,14	102,59	103,51
Pernambuco	--	107,98	107,66	103,79	114,41
Alagoas	--	115,57	109,65	101,22	109,10
Sergipe	--	94,72	106,91	107,00	103,70
Bahia	--	99,80	108,01	100,50	106,13
Região Nordeste	--	105,77	107,24	110,59	107,75
Empresas não Financiadas					
Maranhão	--	108,66	106,70	105,52	106,39
Piauí	--	104,12	111,41	103,20	106,84
Ceará	--	104,91	110,07	101,77	103,72
R G. do Norte	--	106,94	92,94	123,34	108,87
Paraíba	--	75,27	146,63	102,20	103,19
Pernambuco	--	101,20	105,34	101,88	106,01
Alagoas	--	104,15	108,64	101,26	109,84
Sergipe	--	106,78	109,69	102,16	104,55
Bahia	--	102,83	108,29	105,48	105,69
Região Nordeste	--	104,03	106,65	104,54	105,77
Total das Empresas					
Maranhão	--	108,32	106,96	105,71	106,20
Piauí	--	104,58	110,13	104,29	106,51
Ceará	--	104,90	109,43	104,00	104,29
R G. do Norte	--	106,87	109,46	121,64	108,53
Paraíba	--	105,90	104,57	102,22	103,20

(continua)

Tabela 23 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, Empresas não Financiadas e Total das Empresas – Estados do Nordeste – 2000-2004

(conclusão)

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Pernambuco	--	101,40	105,41	101,94	106,28
Alagoas	--	105,32	108,76	101,25	109,76
Sergipe	--	106,03	109,53	102,43	104,47
Bahia	--	102,74	108,28	105,34	105,70
Região Nordeste	--	104,12	106,68	104,86	105,87

Fonte: MTE/RAIS.

Numa verificação geral dos índices de base móvel, para toda a região Nordeste, é notório o crescimento do nível de emprego no conjunto das empresas financiadas, em comparação aos números dos outros dois conjuntos em análise, destacando-se o resultado do ano de 2003 (110,59), cuja variação é superior em 133,26%, no referido ano, ao índice apresentado para as empresas não financiadas e de 117,90% ao do conjunto de todas as empresas.

Por último, ainda neste módulo, apresenta-se na Tabela 24 o índice acumulado do crescimento do emprego para três grupos de empresas, ou seja, das financiadas pelo Banco do Nordeste do Brasil, ou por outras instituições financeiras; das não financiadas pelo BNB, mas que podem ter recebido algum investimento de outras instituições financeiras, e a do conjunto de todas as empresas, de acordo com os subsetores de atividade econômica.

Observando a evolução do emprego nas empresas financiadas, ao longo do período de 2000 a 2004, excluindo o subsetor comércio, nos demais, o valor do índice, em geral, é muito superior aos resultados dos outros dois conjuntos de empresas, fazendo-se a ressalva de os subsetores da indústria e o da agropecuária serem os de maior relevância no tocante ao crescimento do estoque de emprego, em comparação aos números do conjunto das empresas não financiadas. Supondo-se a relação direta entre o investimento e a geração de novos postos de trabalho, entende-se este resultado à luz dos números apresentados na Tabela 33, na qual a composição dos valores dos desembolsos, no tocante aos investimentos aplicados nas empresas da região Nordeste, destina-se 29,04% para a pecuária, 24,12% para a agricultura, 23,90% ao subsetor industrial e 22,94% aos demais subsetores de atividade econômica. É importante destacar o fato de o desembolso para o setor comércio representar apenas 7,91% de todo o aporte liberado para a região Nordeste, ao longo do período em questão.

Tabela 24 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego das Empresas Financiadas pelo BNB, Empresas não Financiadas e Total das Empresas – Região Nordeste – 2000-2004

Subsetores de Atividade	Empresa Financiadas	Empresas não Financiadas	Total das Empresas
Indústria	146,86	120,13	124,00
Construção civil	125,59	98,73	100,18
Comércio	122,11	132,06	131,67
Serviços	125,82	122,26	122,44
Agropecuária	153,74	133,84	134,69
Administração pública	123,82	122,18	120,84
Outros	--	--	--
Total	135,15	122,68	123,31

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

3.2 – Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego

Descreve-se neste tópico uma análise comparativa da evolução do estoque de emprego para um conjunto formado por todas as empresas da região Nordeste e, um outro, daquelas que receberam algum financiamento do BNB, ao longo do período de 2000 a 2004. Evidente que, neste caso, no qual de fato se constata crescimento do emprego formal nos dois conjuntos citados, tem-se ainda um resultado, onde o crescimento do emprego nas empresas financiadas pode ter influenciado no conjunto de todas as empresas. A evidência desse fato é vista no tópico anterior, a partir da definição do indicador “variação relativa do estoque de emprego.

Conforme informações apresentadas no primeiro capítulo deste texto, foram gerados, no período de 2000 a 2004, na região Nordeste, 1.019.880 novos empregos, traduzindo um crescimento da ordem de 23,31%. De acordo com a Tabela 25, especificamente para as empresas que receberam financiamento do Banco do Nordeste, também se constata comportamento ascendente do estoque de emprego, posto que, no ano de 2000, é de 223.545 vínculos e, no de 2004, atinge 302.112, ou seja, 78.567 novos empregos. Destaque-se o fato de o crescimento em questão estabelecer uma elevação relativa da ordem de 35,15%, superior ao resultado do conjunto de todas as empresas da região Nordeste.

Tabela 25 – Estoque de Emprego nas Empresas Financiadas pelo BNB – Estados do Nordeste – 2000-2004

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Maranhão	13.541	13.749	15.471	16.949	18.358
Piauí	14.780	16.348	15.447	18.301	18.732
Ceará	64.234	67.325	69.477	88.398	96.385
R. G. do Norte	19.142	20.234	24.426	25.014	25.929
Paraíba	10.617	11.848	12.931	13.266	13.731
Pernambuco	26.038	28.117	30.271	31.417	35.945
Alagoas	28.038	32.403	35.530	35.962	39.236
Sergipe	12.772	12.098	12.934	13.840	14.265
Bahia	34.383	34.314	37.061	37.248	39.531
Total	223.545	236.436	253.548	280.395	302.112

Fonte: MTE/RAIS e BNB

O índice de base móvel expressa o crescimento de uma série cronológica, num determinado momento, em relação ao imediatamente anterior. No caso em questão, observando os números da Tabela 26, tanto para o conjunto de todas as empresas da região Nordeste, como daquelas financiadas pelo BNB, percebe-se uma ascendência relativa, ano a ano, sendo maior no de 2002 (8,28%), para o primeiro grupo de empresas mencionado, e em 2003 (10,59%), para aquelas financiadas. Atestando-se mais uma vez que a elevação do nível do emprego formal é de maior expressão para as empresas que tiveram oportunidade de um financiamento. Evidente que essa afirmação se baseia apenas no impacto do financiamento, excluindo-se outras variáveis de ordem econômica, que também podem ter contribuído para a elevação do estoque de emprego, no conjunto das empresas que receberam algum financiamento do BNB, ou de outras instituições financeiras, ao longo do período de 2000 a 2004.

Tabela 26 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego – 2000-2004

Especificação	2000	2001	2002	2003	2004
Todas as Empresas	--	102,74	108,28	105,34	105,70
Empresas Financiadas	--	105,77	107,24	110,59	107,75

Fonte: MTE/RAIS.

O índice de crescimento acumulado, que na verdade corresponde a “um elo em cadeia”, expressa a evolução agregada do estoque de emprego, ao longo do período de 2000 a 2004. A Tabela 27 a seguir dispõe, por estado, os resultados relativos ao período em questão. Para toda a região Nordeste, o crescimento acumulado do emprego para as empresas financiada é representado pelo índice de 135,15, superior ao valor do conjunto de todas as empresas, que é de 123,31. Excluindo os estados de Sergipe, da Bahia e do Piauí, nos demais, para o grupo de empresas financiadas, os índices são bem superiores aos daqueles de todas as empresas. Destarte, confirma-se, em hipótese, mais uma vez o impacto positivo do financiamento no crescimento do nível de emprego, destacando-se ainda os estados do Ceará (150,05), Alagoas (139,94) e Pernambuco (138,05) como os de melhor performance.

Para melhor entender o menor índice acumulado do crescimento do estoque de emprego, nos estados de Sergipe, Bahia e Piauí, comparam-se os resultados da Tabela 27 e os da Tabela 35, que dispõem a composição do desembolso, segundo os subsetores de atividade econômica e os estados do Nordeste. Neste enfoque, constatam-se algumas tendências que, em hipótese, explicam a melhor performance de alguns estados, no tocante ao crescimento do nível de emprego. De acordo com a Tabela 27, comparando os índices do crescimento acumulado do estoque de emprego das empresas financiadas e do conjunto de todas as empresas, conforme mencionado anteriormente, os três estados de melhor posição são: Ceará, Alagoas e Pernambuco. Observando a composição do desembolso (Tabela 35), afere-se que os estados do Ceará e o de Alagoas alcançam, respectivamente, a primeira e a segunda posição, no que se refere à representação do desembolso para a indústria e a pecuária. Por outro lado, os três estados em que declina o índice acumulado do emprego nas empresas financiadas, comparativamente ao conjunto de todas as empresas, são: Sergipe, Bahia e Piauí. Nesta ordem, e especificamente no que concerne à representação do aporte de desembolso (Tabela 35), excluindo o Estado do Piauí, no qual a indústria ocupa a nona posição, nos de Sergipe e da Bahia, o referido subsetor classifica-se, respectivamente, na quarta e sexta posição.

Em síntese, nos seis estados da região Nordeste, em que se constata crescimento no índice acumulado de emprego nas empresas financiadas, os maiores valores de desembolso são: no Maranhão, 35,81% (agricultura); Ceará, 40,60% (indústria); Rio Grande do Norte, 39,97% (pecuária); Paraíba, 35,07% (pecuária); Pernambuco, 36,94% (pecuária) e Alagoas, 47,98% (indústria). Destarte, pode-se levantar a hipótese de os subsetores da indústria e o da pecuária responderem mais efetivamente na correlação direta entre o investimento e a geração de emprego.

Tabela 27 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque de Emprego – Estados do Nordeste – 2000 a 2004

Estado	Total das Empresas	Empresas Financiadas
Maranhão	130,05	135,57
Piauí	127,93	126,74
Ceará	124,50	150,05
R. G. do Norte	133,48	135,46
Paraíba	87,33	129,33
Pernambuco	115,81	138,05
Alagoas	127,31	139,94
Sergipe	124,27	111,69
Bahia	123,86	114,97
Nordeste	123,31	135,15

Fonte: MTE/RAIS.

Relacionando mais uma vez a variação do nível de emprego com a participação do desembolso repassado pelo BNB (Tabela 28), confirma-se que os estados da Bahia (27,61%), do Ceará, com representação de 18,90%, e o de Pernambuco (9,86%), nesta ordem, são os que, ao longo do período em questão, receberam maior aporte de recursos, corroborando com isso a hipótese levantada no parágrafo anterior, posto que os dois últimos estados mencionados situam-se, respectivamente, na primeira e terceira posição, entre os de maiores índices acumulados do crescimento do estoque de emprego, de acordo com os resultados constantes na Tabela 27.

Outro fato notório é que, conforme os números da Tabela 28, que apresenta a participação relativa dos desembolsos por estado, sobre o total da região Nordeste, os do Rio Grande do Norte e Sergipe, nesta ordem, são os que registram menor participação de desembolso e que na relação desta variável com a geração de empregos, vista a partir do índice acumulado do crescimento (Tabela 27), o Estado de Sergipe é o que apresenta a maior queda do estoque, comparando os indicadores do total das empresas com os das empresas financiadas, assegurando com isso a correlação direta entre o volume de desembolso e o crescimento do emprego.

Tabela 28 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa dos Desembolsos – 2000 a 2004

Estado	Participação Relativa
Maranhão	9,22
Piauí	7,39
Ceará	18,90
R. G. do Norte	5,89
Paraíba	7,40
Pernambuco	9,86
Alagoas	7,22
Sergipe	6,51
Bahia	27,61
Total	100,00

Fonte: BNB.

Sobre os números da Tabela 29, tendo-se como referência o índice de base móvel do crescimento do estoque, destaca-se o Estado do Ceará com a maior representação do número de empregos (127,23), no ano de 2003, comparativamente ao de 2002. Relacionando este resultado com os apresentados na Tabela 30, que trata da participação relativa dos desembolsos, por estado e por ano, verifica-se que o do Ceará, no período de 2000 a 2002, apresenta um decréscimo de participação sobre o total recebido no interstício de 2000 a 2004, variando de 20,99% até 6,95%. A partir do referido ano, observa-se um comportamento ascendente, atingindo a maior representação no ano de 2004 (40,91%). É possível que a tendência crescente da liberação de recursos, a partir do ano de 2002, deva ter contribuído para o maior crescimento do nível de emprego, em 2003. Por outro lado, registra-se, na Tabela 29, que o menor índice de base móvel do crescimento do estoque de emprego, ocorre no Estado do Piauí (94,49%), no ano de 2002, e que, de acordo com a participação relativa do aporte de recursos é exatamente neste ano, em que se atesta a menor participação do volume de desembolso, ao longo do período de 2000 a 2004, para o referido estado (Tabela 30).

Observando os números para toda a região Nordeste (Tabela 29), verifica-se que o maior crescimento relativo do estoque de emprego ocorreu no ano de 2003 (110,59), com relação ao ano de 2002 e que, de acordo com os números da Tabela 30, denota-se que a variação relativa do desembolso é também crescente, a partir do ano de 2002.

Tendo como referência os números das Tabelas 29 e 30, assevera-se que a maior representação do volume de desembolso foi no ano de 2004, para toda a região Nordeste, em consonância com o resultado dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia (Tabela 30). Em termos de tendência, registra-se, na referida Tabela, uma composição descendente de 2000 a 2002, com uma inflexão de comportamento a partir do ano de 2003. Esta tendência, julgando procedente a hipótese de o crescimento do estoque de emprego ser correlacionado diretamente com a maior representação de desembolso, compreende-se a elevação do nível de emprego no ano de 2003 e o menor estoque no ano de 2001, em relação ao de 2000, para toda a região Nordeste (Tabela 29).

Tabela 29 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego – Empresas que Receberam Financiamento do BNB – Estados do Nordeste – 2000-2004

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Maranhão	--	101,54	112,50	109,55	108,31
Piauí	--	110,61	94,49	118,48	102,36
Ceará	--	104,81	103,20	127,23	109,04
R G. do Norte	--	105,70	120,72	102,41	103,66
Paraíba	--	111,59	109,14	102,59	103,51
Pernambuco	--	107,98	107,66	103,79	114,41
Alagoas	--	115,57	109,65	101,22	109,10
Sergipe	--	94,72	106,91	107,00	103,70
Bahia	--	99,80	108,01	100,50	106,13
Total	--	105,77	107,24	110,59	107,75

Fonte: MTE/RAIS

Tabela 30 – Empresas Financiadas, segundo a Participação Relativa do Aporte de Desembolsos – Região Nordeste – 2000-2004

Estado	Frequência Relativa / Ano					Total
	2000	2001	2002	2003	2004	
Maranhão	21,09	14,68	11,10	14,53	38,60	100,00
Piauí	26,44	13,39	8,82	11,55	39,80	100,00
Ceará	20,99	12,96	6,95	18,19	40,91	100,00
Rio Grande do Norte	20,07	13,97	11,40	13,33	41,23	100,00
Paraíba	33,48	15,85	10,64	13,31	26,72	100,00
Pernambuco	37,57	15,77	7,46	12,60	26,60	100,00
Alagoas	22,91	18,05	28,12	8,88	22,04	100,00
Sergipe	24,25	24,13	12,14	15,85	23,63	100,00
Bahia	20,13	21,64	12,63	11,45	34,15	100,00
Região Nordeste	24,02	17,19	11,49	13,48	33,82	100,00

Fonte: BNB.

Conforme já citado anteriormente, o crescimento do estoque de emprego foi mais expressivo no conjunto das empresas que receberam algum financiamento do BNB, onde aplicando o indicador “variação relativa do estoque de emprego”, atesta-se superioridade de 50,79%, em comparação ao estoque do conjunto de todas as empresas no âmbito da região Nordeste (Tabela 31).

Observando as informações constantes na Tabela 31, especificamente para o conjunto de todas as empresas, constata-se que a administração pública se sobressai com um maior estoque de empregos, evoluindo de 1.526.055 pessoas, no ano de 2000, para 1.864.022 pessoas, em 2004. Segue-se a essa atividade a de serviços, que também acusa um crescimento do estoque de mão-de-obra, ascendendo de 1.177.402 pessoas, no ano de 2000, para 1.441.667 empregos, no de 2004. Já no grupo das empresas financiadas, a maior representação do nível de emprego é do setor de serviços, com um estoque de 75.299 pessoas, no ano de 2004, contra 59.845 empregos, no ano de 2000. A segunda posição de destaque no referido grupo é da indústria, que registra uma evolução de 96.255 empregos, em 2000, para 141.362 postos de trabalho, no ano de 2004.

Tabela 31 – Estoque de Emprego por Subsetor de Atividade Econômica – 2000 e 2004

Subsetor de Atividade	Total de Empresas		Empresas Financiadas	
	2000	2004	2000	2004
Indústria	663.942	823.320	96.255	141.362
Construção civil	208.622	209.000	11.246	14.124
Comércio	628.678	827.756	24.816	30.302
Serviços	1.177.402	1.441.667	59.845	75.299
Agropecuária	169.994	228.965	7.240	11.131
Administração pública	1.526.055	1.864.022	24.143	29.894
Outros	157	—	—	—
Região Nordeste	4.374.850	5.394.730	223.545	302.112

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

Numa leitura relativa da evolução do nível de emprego, por intermédio do índice acumulado do estoque de emprego, ao longo do período de 2000 a 2004; levando em consideração os resultados do conjunto total das empresas e o das que receberam financiamento do BNB, segundo os subsetores de atividade econômica, tem-se uma leitura mais apurada, na medida em que, diferentemente da análise dos valores absolutos, no grupo de todas as empresas, os destaques são para os setores: agropecuária, com índice de 134,69, seguido pelo comércio, cujo índice é de 131,67. Já nas empresas financiadas, mantém-se a indústria na segunda posição, com representação de 146,86, alterando-se a melhor performance, para a atividade de agropecuária, que alcança um índice de 153,74 (Tabela 32).

Ainda numa verificação em função do índice acumulado do estoque de emprego, a menor variação ocorre no setor da construção civil (100,18), para o conjunto de todas as empresas, e no do comércio (122,11), para o grupo daquelas que receberam financiamento do BNB.

Tabela 32 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego – Setores de Atividade Econômica – 2000-2004

Setor de Atividade	Total das Empresas	Empresas Financiadas
Indústria	124,00	146,86
Construção civil	100,18	125,59
Comércio	131,67	122,11
Serviços	122,44	125,82
Agropecuária	134,69	153,74
Administração pública	122,15	123,82
Nordeste	123,31	135,15

Fonte: MTE/RAIS.

Observando os números da Tabela 33, entendem-se melhor os resultados mencionados anteriormente, posto que, mantendo-se a hipótese de o crescimento do nível de emprego estar correlacionado, de forma direta, com o volume de desembolso, e considerando que a RAIS agrega a agricultura, a agroindústria e a pecuária no subsetor agropecuária, confere-se que a sua representação, no tocante ao desembolso, atinge 54,02%, seguido pelo setor industrial, com representação da ordem de 23,90%. Ademais, consolida-se esta hipótese quando se constata que o subsetor comércio, no conjunto das empresas financiadas, apresenta o menor índice acumulado do estoque de emprego (Tabela 32), que é um resultado consonante com os números da Tabela 33, onde a atividade comercial tem a segunda menor representação de desembolso.

Tabela 33 – Composição do Desembolso – Setores de Atividade Econômica – Região Nordeste – 2000-2004

Atividade Econômica	Freqüência Relativa
Agricultura	24,12
Agroindústria	0,86
Comércio	7,91
Indústria	23,90
Infraestrutura	4,56
Pecuária	29,04
Serviços	9,61
Total	100,00

Fonte: BNB.

Apesar de a classificação, por subsetor de atividade definida na fonte Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), não ser rigorosamente a mesma estabelecida pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), no que se refere à composição dos desembolsos relativos aos investimentos aplicados nas empresas da região Nordeste, verifica-se, a seguir, a equivalência entre a maior representação dos valores repassados para os estados, por subsetor de atividade econômica, e o respectivo crescimento do estoque de emprego, na perspectiva de comprovar, mais uma vez, o fato de os investimentos aplicados na região Nordeste terem contribuído de forma direta na geração de empregos.

Antes de proceder à análise, alguns esclarecimentos são necessários para melhor entender os resultados. Inicialmente, foi excluído da Tabela 34 o setor da construção civil, posto que não constam desembolsos ao longo do período de 2000 a 2004. Outro fato é lembrar que a RAIS inclui, no subsetor da agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca, as atividades da agricultura, da agroindústria e da pecuária.

A Tabela 34 apresenta o índice acumulado do estoque de emprego, de acordo com os subsetores de atividade econômica, nos vários estados da região Nordeste. A partir dessas informações, constata-se que a variação maior do nível de emprego aconteceu na atividade agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca, nos estados do Maranhão, 157,10; Piauí, 223,86; Rio Grande do Norte, 244,29; Paraíba, 149,52 e Pernambuco, 198,24, na de serviços nos estados do Ceará, 148,45; Alagoas, 144,83, e Bahia, 130,86, destacando-se somente no Estado de Sergipe (125,29) a atividade industrial. Por outro lado, conferindo-se as informações constantes na Tabela 35, registra-se mais uma vez a correlação direta entre o nível de emprego e o aporte de desembolso, haja vista que os valores mais expressivos dos repasses das parcelas dos investimentos aplicados pelo BNB foram destinados aos estados mencionados anteriormente, ou seja, naqueles em que se confirmam os índices de crescimento do estoque de emprego de maior expressão na atividade agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca.

Tabela 34 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego por Setores de Atividade Econômica – Empresas Financiadas pelo BNB – 2000-2004

Estado	Setores de Atividade				
	Indústria	Comércio	Serviços	Adm Pública	Agr. Extr.Veg. Caça Pesc
Maranhão	128,25	133,06	104,95	221,06	157,10
Piauí	127,90	112,87	217,01	52,39	223,86
Ceará	144,45	90,82	148,45	132,48	115,56
R G. do Norte	124,39	118,39	132,85	134,56	244,29
Paraíba	142,77	121,23	132,67	100,01	149,52
Pernambuco	122,69	136,26	105,25	67,04	198,24

(continua)

Tabela 34 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego por Setores de Atividade Econômica – Empresas Financiadas pelo BNB – 2000-2004

(conclusão)

Estado	Setores de Atividade				
	Indústria	Comércio	Serviços	Adm Pública	Agr. Extr.Veg. Caça Pesc
Alagoas	144,24	115,84	144,83	141,26	105,10
Sergipe	125,29	89,72	111,59	104,19	86,84
Bahia	112,86	108,22	130,86	70,15	95,21

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

Dando continuidade à leitura das informações constantes nas Tabelas 34 e 35, afere-se também que o primeiro ou segundo maior índice de crescimento do nível de emprego deu-se no subsetor industrial, nos estados do Ceará, 144,45; Paraíba, 142,77; Alagoas, 144,24, e Bahia, com valor de 112,86, e que esses resultados são consoantes com a primeira ou segunda representação do maior aporte de desembolso, de acordo com as estatísticas presentes na Tabela 35.

Tabela 35 – Composição do Desembolso – Subsetores de Atividade Econômica – 2000-2004

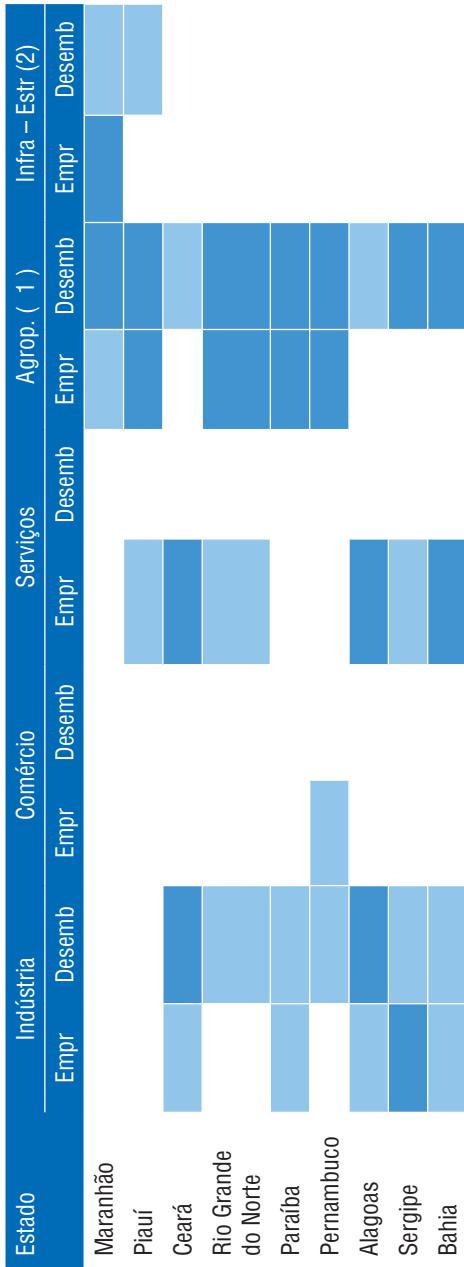
Estados	Setores de Atividade				
	Indústria	Comércio	Serviços	Infraestrutura (1)	Agr. Extr.Veg. Caça Pesc (2)
Maranhão	8,55	9,26	5,67	10,57	65,95
Piauí	4,92	6,31	4,59	13,45	70,73
Ceará	40,60	5,98	11,24	8,47	37,71
R G. do Norte	17,24	9,85	9,74	4,41	58,76
Paraíba	24,61	6,96	9,55	3,38	55,50
Pernambuco	20,70	9,91	9,44	0,18	59,77
Alagoas	47,98	5,47	5,71	1,74	39,10
Sergipe	22,47	10,27	5,24	0,64	61,38
Bahia	19,99	4,65	13,65	1,26	60,45

Fonte: BNB.

Notas: (1) Incluem-se as atividades de administração pública, defesa e seguridade; atividades associativas; produção e distribuição de eletricidade, gás e água; reparação e conservação e telecomunicações.

(2): Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária

Por último, dispõe-se a seguir um quadro síntese que ilustra, na célula mais escura, a primeira posição no tocante ao maior nível de emprego ou de maior representação do valor do desembolso e, na mais clara, a segunda maior classificação das variáveis mencionadas. A título de esclarecimento, confere-se para o Estado do Maranhão o maior aporte de desembolso e a segunda maior posição do nível de emprego na atividade de agropecuária e na de infraestrutura, a primeira posição no que se refere ao nível de emprego e a segunda maior representação do desembolso. Prosseguindo-se na leitura dos resultados constantes na Tabela 36, constata-se nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco a primeira posição, tanto no que se refere ao aporte de desembolso, como também no tocante ao nível de emprego. Ademais, destaca-se ainda, conforme a ilustração feita na Tabela 36, a primeira posição no desembolso e/ou a segunda no que se refere ao nível de emprego para os estados do Ceará, Alagoas e Sergipe, especificamente na atividade industrial. Diante desses resultados e a partir da análise desenvolvida neste documento, admite-se como verdadeira a hipótese da correlação direta entre os investimentos aplicados pelo BNB, nos estados da região Nordeste, e o crescimento do nível de emprego, notadamente nos subsetores da agricultura, da agroindústria, da pecuária e no da indústria, onde em sete dos nove estados do Nordeste, confirma-se a referida hipótese.



Quadro 1 – Posições de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e o da Variação do Desembolso

Notas: (1): Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária

(2): Incluem-se as atividades de administração pública, defesa e segurança; atividades associativas; produção e distribuição de eletricidade, gás e água; reparação e conservação e telecomunicações.

Legenda: ■ Primeira posição ■ Segunda posição

CAPÍTULO 4: IMPACTO DOS INVESTIMENTOS DO FNE NO NÍVEL DE EMPREGO – 2000-2004

4.1 – Empregos nos Estados do Nordeste: Empresas Financiadas e Total de Empresas

Identifica-se neste capítulo o impacto na geração de empregos formais, como resultado dos investimentos aplicados pelo Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE). Para tanto, trabalha-se o estoque de emprego, ao longo do período de 2000 a 2004, das empresas localizadas na região Nordeste, no respectivo setor de atividade econômica, que receberam recursos do FNE.

O objeto deste capítulo é avaliar se as empresas que receberam financiamento do FNE apresentaram a mesma tendência crescente do estoque de emprego, conforme os números do mercado de trabalho, ao longo do período em questão, em consonância com os resultados constantes no capítulo 2, no qual se dispõem os registros, ano a ano, do estoque de emprego, segundo os estados do Nordeste e mais a sua distribuição setorial, isto é, nas atividades indústria, construção civil, comércio, serviços, agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca e administração pública.

Numa abordagem geral dos resultados da análise, registra-se neste capítulo o comportamento crescente do estoque de emprego, no período de 2000 a 2004, com ascendência de 55.185 novos empregos, especificamente nas empresas financiadas pelo FNE (Tabela 37). Um outro destaque é o crescimento do emprego na indústria (Tabela 34), que tem representação de 71,20% (39.293 postos de trabalho) sobre o total de 55.185 pessoas empregadas. Sobre esse resultado, ressalte-se o fato de a indústria ser o subsetor de atividade que melhor remunera a força de trabalho, ou seja, o crescimento do estoque de emprego, no período em questão, deve ter contribuído para a elevação dos rendimentos do trabalho.

Na perspectiva de melhor entender o crescimento do estoque de emprego, no conjunto das empresas financiadas pelo FNE, apresenta-se a composição dos desembolsos efetivados, ao longo do período de 2000 a 2004, segundo as atividades econômicas, destinados a cada estado da região Nordeste; a distribuição percentual do total dos valores para os estados, especificamente para cada ano do interstício mencionado, compondo-se, inclusive, a frequência relativa para a região Nordeste como um todo.

Inicialmente, trabalha-se o impacto do financiamento, na elevação do nível de emprego, a partir de dois conjuntos disjuntos, ou seja, aquele formado pelas empresas que receberam algum financiamento do FNE, no período de 2000 a 2004, e o das empresas não financiadas pela referida Instituição. Para medir esse impacto, adota-se a “variação relativa do estoque de emprego,” aplicada nos dois eventos mencionados. Ressalte-se o fato de os efeitos, por exemplo, da conjuntura econômica sobre o mer-

cado de trabalho, ou de investimentos promovidos por outras instituições financeiras, na região Nordeste, não estarem excluídos, o que, de certa forma, pode ter influenciado na elevação do nível de emprego.

Observando os números da Tabela 36, confirma-se a elevação do estoque de emprego, tanto no conjunto das empresas financiadas, como no das que não receberam recursos do FNE. Relativamente, sobressaem-se as empresas inseridas no primeiro conjunto mencionado, posto que registra-se uma elevação de estoque da ordem de 96,45%, ou seja, 55.185 novos postos formais de trabalho. Quando se trabalha, isoladamente, o conjunto das empresas não financiadas, o crescimento é de 20,03%, enquanto no evento formado por todas as empresas da região Nordeste, no período de 2000 a 2004 (Tabela 1), o estoque de emprego evolui de 4.374.850 para 5.394.730 pessoas empregadas (23,31%). Excluindo os efeitos de outras variáveis que também podem ter contribuído para o crescimento do nível de emprego na região Nordeste, admite-se que as empresas financiadas pelo FNE refletem um impacto da ordem de 16,38% no conjunto global dos estabelecimentos.

Tabela 36 – Estoque de Emprego – Empresas Financiadas pelo FNE e Empresas não Financiadas pelo FNE – 2000-2004

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas Financiadas pelo FNE					
Maranhão	2.590	2.843	3.479	3.667	4.365
Piauí	5.534	6.110	7.119	8.102	8.267
Ceará	17.581	19.978	22.389	39.679	44.400
R. G. do Norte	3.302	3.847	5.174	6.760	6.587
Paraíba	4.455	5.480	6.300	6.752	7.223
Pernambuco	10.413	11.229	13.470	14.268	19.418
Alagoas	3.256	2.833	4.109	4.632	5.211
Sergipe	3.046	3.484	3.814	4.304	5.065
Bahia	7.040	8.029	10.063	11.147	11.866
Total	57.217	63.833	75.917	99.311	112.402

(continua)

Tabela 36 – Estoque de Emprego – Empresas Financiadas pelo FNE e Empresas não Financiadas pelo FNE – 2000-2004

(conclusão)

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas não Financiadas pelo FNE					
Maranhão	282.203	305.636	326.456	345.094	366.005
Piauí	200.195	209.047	229.826	239.004	254.916
Ceará	673.512	704.976	770.923	785.383	816.035
R. G. do Norte	312.186	333.313	313.797	381.247	414.522
Paraíba	334.680	353.655	369.237	377.115	288.927
Pernambuco	872.619	884.186	930.425	947.908	1.003.191
Alagoas	268.927	283.840	307.671	311.059	341.292
Sergipe	203.008	214.995	235.491	240.807	250.991
Bahia	1.170.303	1.201.538	1.299.654	1.368.462	1.446.449
Total	4.317.633	4.491.186	4.783.480	4.996.079	5.182.328

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

A Tabela 37 apresenta, para toda a região Nordeste, o índice móvel do crescimento do estoque de emprego das empresas financiadas pelo FNE; daquelas não financiadas e mais do conjunto de todas as empresas. Excluindo as financiadas, em que o registro do maior índice de estoque é no ano de 2003, nos outros dois conjuntos, ou seja, no das não financiadas e no do total das empresas, denota-se que o maior nível de emprego dá-se no ano de 2002 em relação ao de 2001. Tomando-se como referência as empresas financiadas, em comparação ao conjunto das não financiadas, atesta-se superioridade em todos os índices, ao longo do período, destacando-se o resultado do ano de 2003, em que o valor do referido indicador é de 130,82, ou seja, superior ao das não financiadas, no referido ano, em 594,14%. Por outro lado, o menor índice móvel do estoque de emprego, no conjunto das empresas financiadas, é de 111,56, no ano de 2001. Comparando esse resultado com o da Tabela 42, registra-se, no referido ano, o segundo menor aporte de desembolso para toda a região Nordeste (10,04%). Diante desse resultado, pressupõe-se a hipótese de o investimento aplicado e o crescimento do estoque de emprego estarem correlacionados positivamente. Apesar de a menor representação de desembolso ter se dado no ano de 2002 (5,94%), conforme os números da Tabela 42, o mercado de trabalho, de maneira em geral, apresenta um comportamento ascendente, no período de 2000 a 2002, enquanto no conjunto das empresas financiadas esse crescimento se amplia, de forma significativa, até o ano de 2003, onde se registra a segunda maior participação dos recursos do FNE, para toda a região Nordeste.

Tabela 37 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego – Empresas Financiadas pelo FNE, Empresas Não Financiadas e Total de Empresas – 2000-2004

Especificação	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas financiadas	--	111,56	118,93	130,82	113,18
Empresas não financiadas	--	104,02	106,51	104,44	103,73
Total das empresas	--	104,12	106,68	104,86	105,87

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

Quando se analisam os números da Tabela 38, tendo como referência os índices de base móvel do crescimento do estoque de emprego, segundo os estados da região Nordeste, no interstício de 2000 a 2004, constatam-se alguns resultados que se evidenciam. Por exemplo: no conjunto das empresas financiadas pelo FNE, em geral, o patamar dos índices é mais elevado, em comparação com o das empresas não financiadas e o do conjunto de todos os estabelecimentos. Considerando todos os índices das empresas financiadas, registra-se o maior valor no ano de 2003 para o Estado do Ceará (177,23) e, numa segunda posição, no ano de 2004, para o Estado de Pernambuco (136,09). Observando os números da Tabela 41, destacam-se, na segunda e terceira posição, os estados do Ceará (18,70%) e Pernambuco (10,05%), ou seja, comprova-se mais uma vez a hipótese da relação direta entre os investimentos aplicados nas empresas e a geração de novos postos de trabalho.

Tabela 38 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego – Empresas Financiadas pelo FNE, Empresas Não Financiadas e Total de Empresas – 2000-2004

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas Financiadas pelo FNE					
Maranhão	--	109,77	122,37	105,40	119,03
Piauí	--	110,41	116,51	113,81	102,04
Ceará	--	113,63	112,07	177,23	111,90
Rio Grande do Norte	--	116,51	134,49	130,65	97,44
Paraíba	--	123,01	114,96	107,17	106,98
Pernambuco	--	107,84	119,96	105,92	136,09
Alagoas	--	87,01	145,04	112,73	112,50
Sergipe	--	114,38	109,47	112,85	117,68

(continua)

**Tabela 38 – Índice de Base Móvel do Crescimento do Estoque de Emprego
– Empresas Financiadas pelo FNE, Empresas Não Financiadas e
Total de Empresas – 2000-2004**

(conclusão)

Estado	Anos				
	2000	2001	2002	2003	2004
Empresas Financiadas pelo FNE					
Bahia	--	114,05	125,33	110,77	106,45
Nordeste	--	111,56	118,93	130,82	113,18
Empresas não Financiadas pelo FNE					
Maranhão	--	108,30	106,81	105,71	106,03
Piauí	--	104,42	109,94	103,99	106,66
Ceará	--	104,67	109,35	101,88	103,90
R. G. do Norte	--	106,77	94,14	121,49	108,73
Paraíba	--	105,67	104,41	102,13	76,62
Pernambuco	--	101,33	105,23	101,88	105,83
Alagoas	--	105,55	108,40	101,10	109,72
Sergipe	--	105,90	109,53	101,26	104,23
Bahia	--	102,67	108,17	105,29	105,70
Nordeste	--	104,02	106,51	104,44	103,73
Total das Empresas					
Maranhão	--	108,32	106,96	105,71	106,20
Piauí	--	104,58	110,13	104,29	106,51
Ceará	--	104,90	109,43	104,00	104,29
R. G. do Norte	--	106,87	109,46	121,64	108,53
Paraíba	--	105,90	104,57	102,22	103,20
Pernambuco	--	101,40	105,41	101,94	106,28
Alagoas	--	105,32	108,76	101,25	109,76
Sergipe	--	106,03	109,53	102,43	104,47
Bahia	--	102,74	108,28	105,34	105,70
Nordeste	--	104,12	106,68	104,86	105,87

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

Outro aspecto a considerar é que, para toda a região Nordeste, os índices de base móvel do conjunto de todas as empresas superam os valores estabelecidos para as não financiadas. Com isso, constata-se o fato de o impacto do investimento aplicado ter influenciado de alguma forma no crescimento do nível de emprego, ao longo do período de 2000 a 2004, na referida Região.

Por último, ainda neste módulo, apresenta-se na Tabela 39 o índice acumulado do crescimento do emprego para três grupos de empresas, ou seja, das financiadas pelo FNE, ou por outras instituições financeiras; das não financiadas pelo FNE, mas que podem ter recebido algum investimento de outras instituições financeiras, e a do conjunto de todas as empresas, de acordo com os subsetores de atividade econômica.

Não somente os índices móveis de crescimento do nível de emprego, conforme mencionado anteriormente, mas também os acumulados, por atividade econômica e para toda a região Nordeste, de acordo com a Tabela 49 em análise, o patamar registrado no grupo das empresas financiadas é bem superior ao das não financiadas e ao do grupo de todas as empresas. Nesse contexto, sobressaem-se, no conjunto das empresas que receberam recursos do FNE, os setores de serviços (225,88), da agropecuária (225,13) e o da indústria, com destaque para a construção civil (224,12). Considerando a hipótese de o investimento e a geração de novos postos de trabalho guardarem uma relação direta, entende-se este resultado, posto que, de acordo com os números constantes na Tabela 45, a agropecuária, que reúne as atividades agricultura, agroindústria e pecuária, ter representação de 56,93% dos valores de desembolsos repassados ao longo do período de 2000 a 2004. Seguem-se a essa atividade a da indústria e a de serviços, com representação de, respectivamente, 25,09% e de 8,33% do total.

Tabela 39 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque – Empresas Financiadas pelo FNE, Empresas não Financiadas e Total de Empresas – 2000-2004

Subsetores de Atividade	Empresa Financiadas	Empresas não Financiadas	Total das Empresas
Indústria	196,14	119,27	124,00
Construção civil	224,12	99,89	100,18
Comércio	156,21	131,40	131,67
Serviços	225,88	121,90	122,44
Agric. extrativa vegetal, caça e pesca	225,13	133,06	134,69
Administração pública	--	122,15	122,15
Total	196,45	122,34	123,31

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

4.2 – Impacto dos Investimentos na Geração de Emprego

O índice acumulado do crescimento do estoque de emprego apresentado na Tabela 40, que corresponde a um elo em cadeia, reproduz a evolução do número de pessoas empregadas ao longo do período de 2000 a 2004. De acordo com as estatísticas da Tabela 40, registra-se supremacia dos valores das empresas financiadas, em comparação com aqueles das não financiadas e com os do total das empresas. No caso da região Nordeste, o índice acumulado das empresas, que receberam financiamento do FNE, supera ao das não financiadas e ao do total das empresas em, respectivamente, 381,53% e 313,77%. Esses números demonstram que o crescimento do emprego foi de maior intensidade no conjunto das empresas que receberam financiamentos e que essa afirmação melhor se fundamenta, quando se constata que o maior índice acumulado do crescimento do nível de emprego deu-se no Estado do Ceará (252,55) e que, de acordo com os números da Tabela 41, o referido estado detém a segunda maior participação na distribuição dos desembolsos (18,70%), ao longo do período em questão.

Tabela 40 – Índice Acumulado do Crescimento do Estoque Emprego – 2000-2004

Estado	Empresas financiadas	Empresas não financiadas	Total das Empresas
Maranhão	168,53	129,70	130,05
Piauí	149,39	127,33	127,93
Ceará	252,55	121,16	124,50
R. G. do Norte	199,49	132,78	133,48
Paraíba	162,13	86,33	87,33
Pernambuco	186,48	114,96	115,81
Alagoas	160,04	126,91	127,31
Sergipe	166,28	123,64	124,27
Bahia	168,55	123,60	123,86
Nordeste	196,45	120,03	123,31

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

Relacionando mais uma vez a variação do nível de emprego com a participação do desembolso repassado pelo FNE (Tabela 41), verifica-se que os estados que tiveram as menores participações de desembolsos, no período de 2000 a 2004, foram: Alagoas (4,51%), Paraíba (5,66%), Sergipe (5,71%) e Rio Grande do Norte (7,30%). Observando os índices acumulados do crescimento do nível de emprego (Tabela

40), atestam-se para os estados do Piauí, Alagoas, Paraíba e Sergipe os menores índices, ou seja, respectivamente, 149,39, 160,04, 162,13 e 166,28, em comparação aos demais da região Nordeste. Diante desses números, admite-se mais uma vez a confirmação da hipótese arguida anteriormente, isto é, no conjunto dos estados de menor participação de desembolso, incluem-se os de menor performance no tocante ao crescimento do nível de emprego.

Tabela 41 – Empresas Financiadas pelo FNE e Valores Desembolsados para a Região Nordeste – 2000-2004

Estado	Participação Relativa
Maranhão	8,79
Piauí	7,41
Ceará	18,70
R G. do Norte	7,30
Paraíba	5,66
Pernambuco	10,05
Alagoas	4,51
Sergipe	5,71
Bahia	31,84
Total	100,00

Fonte: BNB.

Observando os números da Tabela 42, que apresenta a participação relativa dos desembolsos do FNE, nos anos de 2000 a 2004, segundo os estados, verifica-se, para toda a região Nordeste, um comportamento descendente ao longo do interstício de 2000 a 2002. Nos dois anos subsequentes, afere-se uma inflexão de tendência, com representação de 15,73%, no de 2003, e de 56,81%, em 2004. Excluindo os estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Bahia, nos quais a representação dos valores de desembolso amplia-se no ano de 2001, nos demais, confere-se a mesma tendência de comportamento da região em questão. Um resultado que merece destaque é que, no ano de 2004, registra-se o maior aporte de desembolso para todos os estados, destacando-se o do Maranhão e o do Rio Grande do Norte, onde a participação é de, respectivamente, 67,24% e 64,42%.

Relacionando os resultados dos desembolsos com o índice de base móvel de crescimento do estoque de emprego (Tabela 38), observa-se, inicialmente, no conjunto das empresas financiadas e no das não financiadas pelo FNE, um crescimento, ano a ano, do nível de emprego, com destaque para o primeiro conjunto, no qual os índices expres-

sam uma evolução de maior intensidade, ou seja, para este período, em que o volume de desembolso é de menor expressão, levanta-se a hipótese de o crescimento do número de pessoas empregadas ter se dado pelas melhores condições do mercado de trabalho. Por outro lado, admite-se, porém, que o maior patamar dos índices determinados para as empresas beneficiadas deve-se ao impacto dos investimentos aplicados. Para reforçar essa hipótese, observe que, de acordo com os números da Tabela 39, o maior índice de base móvel do crescimento do emprego deu-se no ano de 2003 para o Estado do Ceará (177,23) e para toda a região Nordeste (130,82) e que, exatamente nos anos de 2003 e 2004, atestam-se as maiores participações de desembolsos. (Tabela 42).

Tabela 42 – Empresas Financiadas pelo FNE e Participação Relativa do Aporte de Desembolsos – 2000-2004

Estado	Frequência Relativa / Ano					Total
	2000	2001	2002	2003	2004	
Maranhão	7,43	4,16	5,80	15,37	67,24	100,00
Piauí	14,82	6,68	5,20	11,07	62,23	100,00
Ceará	4,05	4,20	4,31	25,82	61,62	100,00
Rio Grande do Norte	6,94	9,88	6,58	12,18	64,42	100,00
Paraíba	20,18	8,27	7,60	15,68	48,30	100,00
Pernambuco	20,11	11,98	6,00	11,95	49,96	100,00
Alagoas	20,78	8,79	7,27	12,38	50,78	100,00
Sergipe	19,02	15,13	7,99	20,02	37,84	100,00
Bahia	10,28	14,88	6,10	12,70	56,04	100,00
Nordeste	11,48	10,04	5,94	15,73	56,81	100,00

Fonte: BNB.

Examinando as informações constantes na Tabela 43, especificamente para o conjunto de todas as empresas, comprova-se que a administração pública se sobressai com o maior estoque de empregos, evoluindo de 1.526.055 pessoas, no ano de 2000, para 1.864.022 pessoas, em 2004. Segue-se a essa atividade a de serviços, que também mostra um crescimento do estoque de mão-de-obra, ascendendo de 1.177.402 pessoas, no ano de 2000, para 1.441.667 empregos, no de 2004. Já no grupo das empresas financiadas, a maior representação do nível de emprego é do setor industrial, com um estoque de 80.165 pessoas, no ano de 2004, contra 40.872 empregos, no ano de 2000. A segunda posição de destaque, no referido grupo, é a da atividade de serviços, que registra uma evolução de 6.167 empregos, em 2000, para 13.930 postos de trabalho, no ano de 2004.

Tabela 43 – Estoque de Emprego, por setor de Atividade Econômica – Empresas do Nordeste e Empresas Financiadas pelo FNE – 2000-2004

Subsetor de Atividade	Total de Empresas		Empresas Financiadas	
	2000	2004	2000	2004
Indústria	663.942	823.320	40.872	80.165
Construção civil	208.622	209.000	485	1.087
Comércio	628.678	827.756	6.677	10.430
Serviços	1.177.402	1.441.667	6.167	13.930
Agricultura, extr. veg. Caça e pesca (1)	169.994	228.965	3.016	6.790
Administração pública (2)	1.526.055	1.864.022	—	—
Outros	157	—	—	—
Nordeste	4.374.850	5.394.730	57.217	112.402

Fonte: MTE/RAIS e BNB.

Notas: (1): Acumulam-se nesse setor as atividades agricultura, agropecuária e pecuária.

(2): Excluem o estoque de emprego da administração pública, no conjunto das empresas financiadas pela ausência de registros de investimentos do Fundo Nacional de Financiamento do Nordeste (FNE).

Numa leitura relativa da evolução do nível de emprego, por intermédio do índice acumulado do estoque de emprego, ao longo do período de 2000 a 2004; levando em consideração os resultados do conjunto de todas as empresas e os das que receberam financiamento do FNE (Tabela 43), confere-se, no primeiro conjunto, diferentemente da análise dos valores absolutos, que os destaques são para os setores agropecuária, com índice de 134,69, seguido pelo comércio, cujo índice é de 131,67. Já nas empresas financiadas, destaca-se o setor de serviços, na primeira posição (225,88%), seguido pela agricultura, extrativa mineral, caça e pesca, com representação de 224,13, ou seja, a indústria, que atinge a melhor performance na geração absoluta de empregos, assume a terceira posição, com o índice de 196,14%.

Ainda numa verificação em função dos valores relativos (Tabela 43), a menor variação ocorre no setor da construção civil (100,18), para o conjunto de todas as empresas, e no do comércio (156,21), para o grupo daquelas que receberam financiamento do FNE.

Tabela 44 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego – 2000-2004

Setor de Atividade	Total das Empresas	Empresas Financiadas
Indústria	124,00	196,14
Construção civil	100,18	224,12
Comércio	131,67	156,21
Serviços	122,44	225,88
Agricultura, extr. veg. caça e pesca	134,69	224,13
Administração pública	122,15	—
Nordeste	123,31	196,45

Fonte: MTE/RAIS.

Observando os números da Tabelas 44, fundamentam-se melhor os resultados mencionados anteriormente, posto que, diante da hipótese de o crescimento do nível de emprego estar correlacionado, de forma direta, com o volume de desembolso, e considerando que a RAIS agrega a agricultura, a agroindústria e a pecuária no setor agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca, confere-se que a sua representação, nos valores repassados, alcança 56,93%, seguido pelo setor serviços, com representação da ordem de 29,16%.

Tabela 45 – Composição do Desembolso do FNE, segundo os Setores de Atividade Econômica – 2000-2004

Atividade Econômica	Freqüência Relativa
Agricultura	26,51
Agroindústria	1,26
Comércio	3,85
Indústria	25,09
Infraestrutura	5,80
Pecuária	29,16
Serviços	8,33
Total	100,00

Fonte: BNB.

Tendo como referência o índice acumulado apresentado na Tabela 45, verifica-se que o setor agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca (agricultura, agroindústria, pecuária) marca a primeira posição no tocante ao crescimento do nível de emprego, nos estados do Piauí (244,25), Rio Grande do Norte (746,44), Paraíba (3.040) e

Pernambuco (303,23), já os serviços, nos estados do Maranhão (230,51), Alagoas (182,57), Sergipe (182,76) e Bahia, com um índice de 405,44. A atividade comercial evidencia-se no Maranhão (175,14), enquanto a indústria se sobressai no Estado do Ceará, com um índice de (266,45). Por último, destaca-se o fato de o setor comércio não ter alcançado pontuação de destaque nos estados da região Nordeste, no conjunto da empresas financiadas, e que este fato se atribui à menor performance na composição dos desembolsos do FNE, ao longo do período de 2000 a 2004, conforme os números da Tabela 44.

Observando os números da Tabela 46, que trata da representação dos desembolsos por setor de atividade econômica, verifica-se que, excluindo o Estado do Ceará, onde a indústria foi a atividade de maior participação de valores repassados pelo FNE, a agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca destaca-se em todos os estados do Nordeste. Na comparação dos números constantes nas Tabelas 45 e 46, considerando ainda os valores de maior destaque, comprova-se mais uma vez o impacto dos investimentos na geração de empregos, na medida em que se confirma a equivalência dessa relação nos estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, para a atividade agricultura, extrativa vegetal, caça e pesca e, no Estado do Ceará, no setor industrial. A partir desses resultados, assevera-se que em cinco estados do Nordeste o crescimento do nível de emprego, excluindo outras variáveis determinantes da conjuntura favorável do mercado de trabalho, não consideradas neste estudo, o aporte de investimento é determinante do crescimento da população ocupada no setor formal da economia.

Tabela 46 – Índice Acumulado do Estoque de Emprego Setor de Atividade – 2000-2004

Estado	Setor de Atividade			
	Indústria	Comércio	Serviços	Agr. Extr.Veg. Caça Pesc (2)
Maranhão	141,85	175,14	230,51	172,51
Piauí	124,42	139,78	226,94	244,25
Ceará	266,45	117,50	205,81	205,51
R G. do Norte	286,34	191,21	383,67	746,44
Paraíba	146,00	202,02	74,93	3.040,00
Pernambuco	180,74	165,70	201,21	303,23
Alagoas	175,67	122,30	182,57	41,94
Sergipe	175,90	165,02	182,76	99,02
Bahia	123,29	222,84	405,44	139,51

Fonte: BNB.

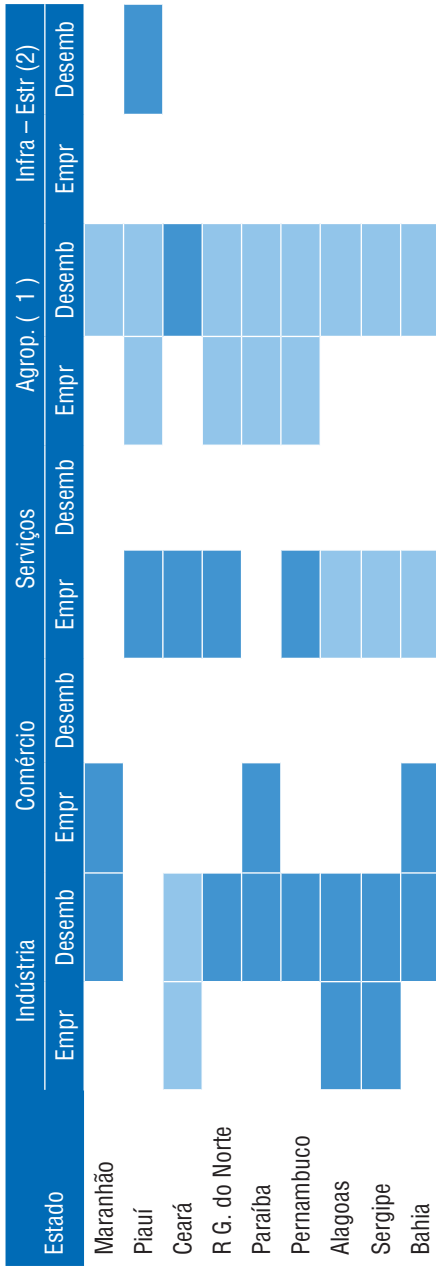
Tabela 47 – Composição do Desembolso, segundo os Setores de Atividade Econômica e os Estados do Nordeste – 2000-2004

Estado	Setores de atividade				
	Indústria	Comércio	Serviços	Infra Estrutura	Agr. Extr.Veg. Caça Pesc (2)
Maranhão	11,09	5,25	2,17	—	81,49
Piauí	4,38	3,11	0,83	15,63	76,05
Ceará	43,92	2,56	14,75	5,49	33,28
R G. do Norte	17,32	9,76	9,45	9,53	53,94
Paraíba	31,53	6,56	6,24	—	55,67
Pernambuco	23,72	4,40	4,53	9,57	57,78
Alagoas	40,47	3,07	1,54	—	54,92
Sergipe	27,85	7,46	2,54	—	62,15
Bahia	21,13	1,83	11,33	6,14	59,57

Fonte: BNB.

Nota: Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária.

Numa última abordagem, apresenta-se a seguir o quadro síntese que ilustra, na célula mais escura, a primeira posição no tocante ao maior nível de emprego ou de maior representação do valor do desembolso e, na mais clara, a segunda maior classificação das variáveis mencionadas. Nesse contexto, confere-se para os estados do Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Ceará a primeira posição, no que concerne ao maior aporte de desembolso e ao maior índice de crescimento acumulado do nível de emprego na atividade de agropecuária, para os quatro primeiros estados mencionados anteriormente e, especificamente no Ceará, no setor industrial. Ademais, numa segunda posição, tanto no que se refere ao desembolso, como também no tocante ao nível de emprego, destacam-se os estados de Alagoas e Sergipe. Diante desses resultados, verifica-se, em sete estados da região Nordeste, que o crescimento do nível de emprego nos setores de atividade econômica é consoante com o aporte de investimentos do FNE, notadamente nos setores agropecuária e indústria.



Quadro 2 – Primeira e Segunda Posição de Maior Frequência do Índice Acumulado do Estoque de Emprego e da Composição do Desembolso, segundo os Setores de Atividade Econômica – Estados da Região Nordeste 2000-2004

Notas: (1): Incluem-se as atividades agricultura, agroindústria e pecuária.

(2): Incluem-se as atividades de administração pública, defesa e segurança; atividades associativas; produção e distribuição de eletricidade, gás e água; reparação e conservação e telecomunicações.

Legenda:  Primeira posição  Segunda posição

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das informações produzidas no Capítulo 3, que apontam fortes indícios de os investimentos aplicados nas empresas da região Nordeste pelo BNB terem influenciado na reprodução de novos postos de trabalho, confere-se, inicialmente, por intermédio do indicador “variação relativa do estoque de emprego”, que o crescimento do número de postos de trabalho no conjunto das empresas financiadas é superior ao das que formam o grupo das não financiadas, em 54,98% e que, considerando o evento de todas as empresas da região Nordeste, o crescimento do nível de emprego, no interstício de 2000 a 2004, é de 23,31%. Excluindo desse conjunto as empresas financiadas e não considerando os efeitos de variáveis exógenas, que influenciam no desempenho do mercado de trabalho e que não foram analisadas neste texto, o crescimento do emprego declina para 22,68%, ou seja, a presença das empresas financiadas no conjunto global dos estabelecimentos propicia um impacto da ordem de 2,78%.

Quando se considera como referência o índice de base móvel do crescimento do nível de emprego no conjunto das empresas financiadas, em comparação aos números do grupo daquelas não financiadas e do total das empresas, detecta-se a superioridade do crescimento do estoque de emprego das que receberam financiamento, ao longo do período de 2000 a 2004, alcançando o índice de 110,59, no ano de 2003, contra a melhor performance das empresas não financiadas, que foi de 106,65, no ano de 2002, e do total das empresas, também no referido ano, que atinge 106,68.

Fazendo uma relação entre o índice acumulado do emprego e a representação dos valores de desembolso, repassados pelo BNB, ao longo do período de 2000 a 2004, por subsetor de atividade econômica; em seis estados da região Nordeste, atesta-se crescimento do nível de emprego, no conjunto das empresas financiadas, em comparação aos números de todas as empresas, destacando-se a participação, numa ordem de maior frequência, das atividades pecuária, indústria e agricultura, e que essas atividades econômicas receberam o maior aporte de desembolso. Por outro lado, o menor índice de crescimento do estoque de emprego é do subsetor comércio, estando este resultado em consonância com a representação da segunda menor participação de desembolso, comparativamente aos demais subsectores de atividade, ao longo do interstício de 2000 a 2004.

Em síntese, as estatísticas apresentadas neste documento são fundamentos incontestes de os investimentos terem influenciado diretamente na geração de novos postos formais de trabalho, ou que, numa segunda hipótese, os mesmos foram aplicados em atividades econômicas já intensivas na geração de empregos, notadamente, nas da pecuária, indústria e agricultura.

Com relação ao Capítulo 4, excluindo os efeitos de outras variáveis que podem ter influenciado na elevação do estoque de empregados, no período de 2000 a 2004, registra-se, quando da avaliação do nível de emprego, entre o conjunto de todas as

empresas da região Nordeste e o daquelas financiadas pelo FNE, um impacto da ordem de 16,38%, ou seja, o investimento aplicado nas empresas contribuiu de alguma forma para o melhor desempenho do mercado de trabalho. Prosseguindo a análise da hipótese da forte relação entre o investimento e o emprego, constata-se, no primeiro momento de análise, que o menor índice de base móvel do crescimento do estoque de emprego dá-se no ano de 2001 e que, na comparação com os valores apresentados na distribuição dos desembolsos, acusa-se para o referido ano o segundo menor aporte de recursos para toda a região Nordeste e que o crescimento relativo do nível de emprego das empresas financiadas situa-se em patamares bem superiores ao das empresas não financiadas.

Comparando o índice acumulado do crescimento do estoque de emprego com a participação relativa dos desembolsos, por estado, converge-se novamente para a hipótese levantada, posto que o Ceará, tanto apresenta o maior índice do nível de emprego formal, como também detém a segunda maior participação na distribuição do aporte de desembolso registrado no período de referência deste estudo. Por outro lado, observando os índices acumulados do crescimento do nível de emprego, atestam-se para os estados do Piauí, Alagoas e Paraíba a mesma tendência os menores valores, ou seja, respectivamente, 149,39, 160,04 e 162,13, em comparação aos demais da região Nordeste. Diante desses números, é no conjunto dos estados de menor participação de desembolso, que se inclui os de menor performance, no tocante ao crescimento do nível de emprego.

Por último, tendo como referência o quadro síntese apresentado no final dos capítulos 3 e 4, registra-se uma perfeita equivalência entre o crescimento do nível de emprego e os valores de maior expressão referentes aos investimentos aplicados, tanto pelo Banco do Nordeste do Brasil (BNB), como também pelo Fundo Constitucional de Financiamento da região Nordeste (FNE).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados: CAGED**. Brasília, DF, 2000. CD-ROM.

_____. _____. CAGED. Brasília, DF, 2001. CD-ROM.

_____. _____. CAGED. Brasília, DF, 2002. CD-ROM.

_____. _____. CAGED. Brasília, DF, 2003. CD-ROM.

_____. _____. CAGED. Brasília, DF, 2004. CD-ROM.

_____. **Relação Anual de Informações Sociais: RAIS**. Brasília, DF, 2000. CD-ROM.

_____. _____. Brasília, DF, 2001. CD-ROM.

_____. _____. Brasília, DF, 2002. CD-ROM.

_____. _____. Brasília, DF, 2003. CD-ROM.

_____. _____. Brasília, DF, 2004. CD-ROM.

FURTADO, C. Sem ciência social, economia é pura álgebra. **Nossa História**, p. 58-63, out. 2004. Entrevista.

PIRES, I. J. B. P. **Conceitos e indicadores do mercado de trabalho: uma visão estatística**. Fortaleza: RTM, 2003.

STEVENSON, W. G. **Estatística aplicada à administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994. V. 1.



**Banco do
Nordeste**



ÁREA DE LOGÍSTICA
Ambiente de Gestão dos Serviços de Logística
Célula de Produção Gráfica
OS 2009-06/3776 - Tiragem: 1500